



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

DEAN TARIK SILVA ARAÚJO

**OS PILARES DA NAÇÃO: A ANTÍTESE CRISTÃ NO DEBATE SOBRE A
RECONSTRUÇÃO DOS PAÍSES BAIXOS SEGUNDO A FILOSOFIA DE HERMAN
DOOYEWEERD**

UBERLÂNDIA
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DEAN TARIK SILVA ARAÚJO

**OS PILARES DA NAÇÃO: A ANTÍTESE CRISTÃ NO DEBATE SOBRE A
RECONSTRUÇÃO DOS PAÍSES BAIXOS SEGUNDO A FILOSOFIA DE HERMAN
DOOYEWEERD**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção dos títulos de bacharel e licenciado em História sob orientação do Prof. Dr. Amon Santos Pinho.

UBERLÂNDIA

2023

DEAN TARIK SILVA ARAÚJO

**OS PILARES DA NAÇÃO: A ANTÍTESE CRISTÃ NO DEBATE SOBRE A
RECONSTRUÇÃO DOS PAÍSES BAIXOS SEGUNDO A FILOSOFIA DE HERMAN
DOOYEWEERD**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção dos títulos de bacharel e licenciado em História sob orientação do Prof. Dr. Amon Santos Pinho.

Uberlândia, 29 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Amon Santos Pinho (orientador)

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira

Prof. Dr. Lucas Grassi Freire

“Em Cristo estão escondidos todos os tesouros da
sabedoria e da ciência”.

Apóstolo Paulo, Soli Deo Gloria

AGRADECIMENTOS

A Deus seja todo o louvor e glória, por suas infinitas perfeições e insondáveis obras, as quais têm sido manifestadas graciosamente em minha vida através da provisão superabundante para cada uma das minhas necessidades.

Agradeço à minha esposa, que esteve sempre ao meu lado, em tudo me amando e auxiliando. Agradeço aos meus pais, pelo suporte e pelo amor. Agradeço ao meu precioso amigo e irmão Charles Oliveira e à sua esposa, por terem suportado muito, a fim de que pudesse me formar. Agradeço ao meu professor e orientador Amon Pinho pelas excelentes aulas que me cativaram, e pelo paciente trabalho de orientação. Agradeço ao meu amigo Fabrício Franco, pelas conversas e sugestões que foram essenciais para a finalização da pesquisa. Agradeço, por fim, à minha amada igreja local, pelas orações.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito analisar o debate em torno da antítese cristã e suas implicações para a estrutura da sociedade neerlandesa no cenário de reconstrução dos Países Baixos após a Segunda Guerra Mundial, tendo o filósofo reformado holandês Herman Dooyeweerd como principal interlocutor. Para tanto, dedica-se à investigação das origens da concepção da antítese cristã e do pilar calvinista na sociedade holandesa. Similarmente, examina a ocupação alemã do território neerlandês e as transformações sociais dela decorrentes. Explora, ademais, o surgimento e a consolidação do Movimento Popular Holandês, cujo objetivo era superar a antítese cristã em prol de uma síntese entre o cristianismo e o humanismo holandês. Por fim, investiga a resposta oferecida por Herman Dooyeweerd no semanário *Nova Holanda*, na qual apresentou uma defesa da relevância da antítese cristã no contexto pós-guerra, baseada na análise dos motivos-base religiosos atuantes na cultura ocidental. A realização desta pesquisa se revela indispensável em virtude do crescente interesse pela publicação das obras e popularização da filosofia de Herman Dooyeweerd no Brasil, a qual ainda é pouco conhecida no âmbito acadêmico. Com tal propósito, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica, combinada com a análise de documentos e panfletos pertinentes ao tema publicados no período em questão. Desse modo, foi possível constatar a influência cultural exercida pelo calvinismo sobre os Países Baixos na primeira metade do século XX, uma vez que oferecia respostas claras e nada simplistas aos desafios impostos pela secularização durante a crise do Ocidente.

Palavras-chave: Antítese Cristã; Herman Dooyeweerd; Secularismo; Motivos-base; Filosofia cristã.

ABSTRACT

This study aims to analyze the debate surrounding the Christian antithesis and its implications for the structure of Dutch society in the context of the Netherlands' reconstruction after World War II, with the Dutch Reformed philosopher Herman Dooyeweerd as the main interlocutor. To do so, it explores the origins of the conception of the Christian antithesis and the Calvinist pillar in Dutch society. Similarly, it examines the German occupation of Dutch territory and the resulting social transformations. Furthermore, it explores the emergence and consolidation of the Dutch National Movement, which sought to overcome the Christian antithesis in favor of a synthesis between Christianity and Dutch humanism. Finally, it investigates the response offered by Herman Dooyeweerd in the weekly publication *Nieuw Nederland*, wherein he presented a defense of the relevance of the Christian antithesis in the post-war context, based on an analysis of the religious ground-motives at work in Western culture. The undertaking of this research is indispensable due to the growing interest in the publication and popularization of Herman Dooyeweerd's works and philosophy in Brazil, which remains relatively unfamiliar within academic circles. To this end, a bibliographic research was conducted, coupled with the analysis of relevant documents and pamphlets published during the specified period. Consequently, it was possible to observe the cultural influence exerted by Calvinism on the Netherlands in the first half of the 20th century, as it provided clear and nuanced responses to the challenges posed by secularization during the crisis of the West.

Keywords: Christian Antithesis; Herman Dooyeweerd; Secularism; Ground-motives; Christian philosophy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Danos da guerra deixados pelo bombardeio de Roterdã.....	26
Imagem 2 - Manifesto ao Povo Holandês (União Holandesa).....	28
Imagem 3 - Carteira de identidade de Fritz Jacobsohn.....	31
Imagem 4 - Panfleto publicado pela revista ilegal <i>Trouw</i>	34
Imagem 5 - Lista de nomes dos prisioneiros de <i>Beekvliet</i>	36
Imagem 6 - Jan Edward de Quay contemplando a pintura de Karel van Veen realizada dentro do campo de <i>Beekvliet</i>	38
Imagem 7 - O manifesto do Movimento Popular Holandês.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A ANTÍTESE CRISTÃ E A PILARIZAÇÃO DA SOCIEDADE NEERLANDESA	13
2. A <i>DOORBRAAK</i> NA CRISE DO OCIDENTE.....	24
3. O DEBATE EM TORNO DA ANTÍTESE CRISTÃ NA RECONSTRUÇÃO DOS PAÍSES BAIXOS.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
FONTES.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72

INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, as duas guerras mundiais significaram um claro anúncio da crise em que o Ocidente estava imerso. Os habituais e intocáveis dogmas da Modernidade, como as noções de um progresso científico e tecnológico ilimitado e da autonomia e capacidade da razão humana, foram gradualmente derrubados, um após o outro. O ano de 1914 marcou apenas o começo desse declínio, deixando uma nítida sensação de que os tempos haviam mudado e uma era reluzente havia sido deixada para trás¹. No entanto, nem mesmo os mais pessimistas poderiam prever os horrores trazidos pela noite insone. A Segunda Guerra Mundial não apenas revelou o declínio do Ocidente, mas também a possibilidade da completa autodestruição da humanidade. O Ocidente nunca mais seria o mesmo. O progresso foi desacreditado, as utopias deram lugar às trincheiras, às guerras químicas, ao extermínio em massa e às bombas atômicas. A civilização cedeu lugar à barbárie, restando apenas uma esperança tênue de um novo amanhecer. Paralelamente, a secularização avançava como nunca, despojando e naturalizando a fé de muitos.

Após o sucesso dos aliados, as profundas cicatrizes do conflito não poderiam ser ignoradas. Tornou-se imperativo avaliar as causas de tão grande crise, bem como buscar por soluções. Para muitos, o futuro, se é que se poderia conceber algum, precisaria ser construído sobre novas bases, distintas daquelas fornecidas pelo “século dos Impérios”.

É neste contexto que um conflito espiritual sobre os fundamentos da reconstrução do país tomou forma nos Países Baixos. A estrutura social fragmentada em pilares, responsáveis por fornecer sustentação e identidade ao povo neerlandês, dava sinais de enfraquecimento. A antítese cristã, um princípio fundamental para a manutenção dos pilares, visto que ressaltava a radical distinção entre a visão de mundo cristã e a humanista, passou a ter a sua validade questionada. Deste modo, enquanto um grupo de intelectuais em ascensão defendia a inadequação da antítese cristã, e a superação das barreiras que dividiram a sociedade neerlandesa antes da guerra, o filósofo reformado holandês, Herman Dooyeweerd, empenhava-se por comprovar a vitalidade e a relevância contínua

¹ HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875 - 1914**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 501-502.

desta antítese mesmo para o pós-guerra. Dooyeweerd, considerado nas palavras de G. E. Langemeijer² “o filósofo mais original que a Holanda já produziu, incluindo Espinoza”³, em um pequeno semanário cultural intitulado *Nieuw Nederland* (Nova Holanda), resumia décadas de estudo e trabalho acadêmico na difusão de uma proposta de renovação da cultura ocidental. Em seus artigos, empreendeu uma profunda reflexão acerca das próprias raízes do Ocidente, a fim de identificar nele a antítese radical e intransponível existente entre o cristianismo e o humanismo. Em especial, destacou a atuação de quatro motivos-base religiosos (*religieuze groundmotieven*) sobre a formação do Ocidente, os quais, por sua vez, designam as motivações religiosas fundamentais pelas quais a ação formativa do homem na história é orientada.

Ao longo da última década, tem se tornado evidente o aumento da presença e influência da filosofia reformacional de Herman Dooyeweerd no Brasil, conforme atestam diversas publicações nacionais⁴. Essa presença, entretanto, se manifesta

² Gerard Eduard Langemeijer foi professor de Filosofia Legal em Leiden e procurador geral da Corte Suprema Holandesa. Ele também serviu como presidente da Academia Real Holandesa de Ciências e Letras.

³ LANGEMEIJER, Gerard Eduard. Uma avaliação de Herman Dooyeweerd. In: KALSBECK, L.. **Contorno da filosofia cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 9-11.

⁴ Obras de Dooyeweerd traduzidas e publicadas em língua portuguesa: DOOYEWEERD, Herman. **Estado e soberania: ensaios sobre o cristianismo e política**. São Paulo: Vida Nova, 2014. 160 p.; DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da cultura ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 256 p.; DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. Brasília: Monergismo, 2018. 275 p.; DOOYEWEERD, Herman. **Filosofia cristã e o sentido da história**. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2020. 183 p.; DOOYEWEERD, Herman. A teoria do homem na filosofia cosmonômica: trinta e duas proposições. Brasília: Monergismo, 2020. Obras publicadas com o objetivo de apresentar a filosofia ou aspectos da filosofia de Dooyeweerd: KALSBECK, L. **Contornos da Filosofia Cristã**. Tradução de Rodolfo Amorim de Souza. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 288 p.; SPIER, Johannes Marinus. **O que é a filosofia calvinista?** Brasília: Monergismo, 2019. 175 p. (Filosofia Reformacional); OLIVEIRA, Fabiano. *Philosophando Coram Deo: uma apresentação panorâmica da vida, pensamento e antecedentes intelectuais de Herman Dooyeweerd*. **Fides reformata** (impresso), v. 11, n. 2, p. 73-100, 2006; REICHOW, Josué Klumb. Uma apresentação da Crítica da Autonomia da Razão, a partir da filosofia cosmonômica de Herman Dooyeweerd. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Est, 2012. p. 869-881. Disponível em: <http://www.anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/48>. Acesso em: 24 maio 2023; REICHOW, Josué Klumb. **A filosofia reformada de Herman Dooyeweerd e suas condições de recepção no contexto brasileiro**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/546>. Acesso em: 25 maio 2023. VIANA, Davi Tavares. Introdução ao pensamento reformacional de Herman Dooyeweerd. **Revista Summae Sapientiae**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 116-138, 31 out. 2018. *Revista Summae Sapientiae*. <http://dx.doi.org/10.53021/summaesapientiae.v1i1.18>. Disponível em: <https://periodicos.ficv.edu.br/index.php/summaesapientiae/article/view/18>. Acesso em: 25 maio 2023; PAZ, Anderson Barbosa. O aspecto histórico e crítica ao historicismo em Herman Dooyeweerd. **Revista Summae Sapientiae**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 73-101, 13 out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ficv.edu.br/index.php/summaesapientiae/article/view/18>. Acesso em: 25 maio 2023; MATOS, Gabriel Dayan Stevão de; VALLE, Bortolo. Introdução ao pensamento jusfilosófico de

não apenas no campo literário, onde se destaca de maneira significativa, mas também em outras esferas, como nas artes e na música. Em vista disso, torna-se imprescindível compreender a filosofia de Dooyeweerd não apenas a partir de seus elementos internos e intrínsecos, como tem sido abordado em diversas publicações em língua portuguesa, mas também em relação aos seus aspectos externos. Isso implica compreendê-la dentro de um contexto histórico, social e político mais amplo, no qual ela se insere e se desenvolve.

Este trabalho, portanto, propõe-se a examinar a resposta de Herman Dooyeweerd à crise do Ocidente, a qual foi articulada por meio de uma filosofia distintamente cristã, e cujo intuito estava em fornecer respostas pertinentes para a reconstrução dos Países Baixos após a Segunda Guerra Mundial. Para tanto, no primeiro capítulo, buscaremos realizar uma sucinta reflexão sobre as origens da concepção de antítese cristã e do pilar calvinista na sociedade holandesa, além de apresentar Herman Dooyeweerd ao leitor, e a sua proposta de uma filosofia cristã. No segundo capítulo, exploraremos a crise enfrentada pelo Ocidente, dando atenção especial aos impactos decorrentes da ocupação alemã do território neerlandês e às transformações sociais dela decorrentes. Ainda no segundo capítulo, observaremos a emergência de movimentos sociais que buscaram superar a antítese cristã. Por fim, no terceiro capítulo, investigaremos o debate travado no pós-guerra acerca dos fundamentos sobre os quais os Países Baixos deveriam ser reconstruídos. Analisaremos a proposta do Movimento Popular Holandês, que visava estabelecer uma síntese entre o cristianismo e o humanismo holandês. E, similarmente, examinaremos a resposta de Herman Dooyeweerd, expressa no periódico semanal *Nova Holanda*, na qual defendeu a contínua relevância da antítese cristã, não

Herman Dooyeweerd. **Revista Tabulae**, [S. L.], v. 10, n. 20, p. 9-36, junho 2016. Semestral. DIAS, Juliana Bolzan Sebe. Crítica de Herman Dooyeweerd ao individualismo humanista. **Revista Tabulae**, [S.L.], v. 11, n. 23, p. 36-49, dez. 2017. Semestral. Obras publicadas que dialogam diretamente com o sistema filosófico de Dooyeweerd: REICHOW, Josué Klumb. **Reformai a vossa mente: a filosofia cristã de herman dooyeweerd**. Brasília: Monergismo, 2019. 172 p.; LEITE, Cláudio Antônio Cardoso *et al* (org.). **Cosmovisão cristã e transformação: espiritualidade, razão e ordem social**. Viçosa: Ultimato, 2006.; RAMOS, Leonardo *et al* (org.). **Fé cristã e cultura contemporânea: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral**. Viçosa: Ultimato, 2009. 224 p.; KOYZIS, KOYZIS, David. **Visões e ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2014. 352 p.; BRAUN JUNIOR, Guilherme. **Um método trinitário neocalvinista de apologética: reconciliando a apologética de van til com a filosofia reformacional**. Brasília: Monergismo, 2019. 276 p.; PEREIRA, João Paraíso Guedes. **O paradigma da neutralidade religiosa no Estado sobre o prisma da filosofia de Herman Dooyeweerd**. 2021. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Departamento de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba, Santa Rita, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22588>. Acesso em: 25 maio 2023.

apenas na reconstrução dos Países Baixos, mas também na história da construção do Ocidente como um todo. Nesse contexto, discutiremos os motivos religiosos básicos propostos por Dooyeweerd, os quais seriam responsáveis pela orientação do desenvolvimento do Ocidente e cuja análise ofereceria uma via cristã para a superação da crise espiritual enfrentada aí enfrentada.

1. A ANTÍTESE CRISTÃ E A PILARIZAÇÃO DA SOCIEDADE NEERLANDESA

Tornando-se ímpio, perverso e corrupto em todas as suas práticas, ele perdeu todos os dons excelentes que tinha recebido de Deus. Nada lhe sobrou desses dons, senão pequenos traços, que são suficientes para deixar o homem sem culpa. Pois toda a luz em nós se tornou em trevas, como nos ensina a Escritura: “A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (Jo 1.5).

Confissão Belga, art. 14, 1561

Logo cedo, ainda no começo do século XVI, apesar das intensas perseguições da Inquisição antirreformista⁵, os Países Baixos se tornaram um dos principais fomentadores e articuladores da fé protestante. Em especial, a face calvinista das reformas se tornou um dos principais motores espirituais do território, exercendo por séculos a sua influência sobre a economia, política, artes e sobre a vida comum do povo holandês⁶.

Ainda em 1566, por exemplo, Amsterdã, Utrecht, Haia, Leiden e outras cidades pertencentes aos modernos Países Baixos, embarcavam na onda das revoltas iconoclastas⁷, iniciadas apenas três semanas antes na região da vila de Steenvoorde, na atual fronteira entre a França e a Bélgica. Já em 1618, a cidade neerlandesa de Dort recebia um dos mais importantes sínodos da fé reformada a fim de solucionar a controvérsia remonstrante⁸ (LINDBERG, 2017, p. 345), cujo documento resultante, conhecido como “Cânones de Dort” (1619), ainda hoje é utilizado como regra de fé para diversas denominações reformadas, não só na

⁵ A Confissão Belga, documento que sumariza artigos doutrinários da fé reformada elaborado em 1561 pelo reformador holandês Guido de Brès, e admitido por várias denominações reformadas, testemunha: “Os fiéis e eleitos serão coroados com glória e honra, e o Filho de Deus confessará seus nomes diante de Deus e dos anjos eleitos; o Senhor lhe enxugará dos olhos toda lágrima. A causa dos fiéis, que agora é condenada por muitos juízes e magistrados como herege e ímpia, será então conhecida como a causa do Filho de Deus” (Confissão Belga, 1561). Neste mesmo sentido, Lindberg aponta: “Se, conforme a Igreja antiga acreditava, o sangue dos mártires é a sementeira dos cristãos, a Reforma teve um início favorável nos Países Baixos. Diz-se que houve mais mártires em prol da Reforma nessa região do que em qualquer outro lugar (LINDBERG, 2017, p. 335)”.

⁶ BLOM, Johan Cornelis Hendrik; LAMBERTS, Emiel (ed.). **History of the Low Countries**. 2. ed. Nova Iorque: Berghahn Books, 2006. n.p.

⁷ Para ver mais sobre as revoltas iconoclastas, cf. PARKER, Geoffrey. **The Dutch Revolt**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1977. 327 p.; BLOCKMANS, Willem Pieter. The formation of a political union, 1300-1588. In: BLOM, Johan Cornelis Hendrik; LAMBERTS, Emiel (ed.), *op. cit.*, Cap. 3. n.p.

⁸ A controvérsia remonstrante é o nome dado à disputa soteriológica ocorrida no seio da Igreja Reformada Holandesa com respeito às ideias inovadoras da teologia de Jacob Arminius no século XVII. Este propunha a negação de alguns dos artigos de fé da soteriologia reformada. Para compreender mais sobre a controvérsia e sua resolução, cf. BENEDICT, Philip. **Theological disputes in the age of orthodoxy**. In: BENEDICT, Philip. **Christ's Churches Purely Reformed: a social history of calvinism**. New Heaven: Yale University Press, 2002. Cap. 10. p. 297-352.

Europa, mas em todo o mundo. Carter Lindberg, refletindo o sínodo em questão, indica que neste período:

elaboraram-se esquemas altamente racionalizados de salvação, exemplificados [...] pelo calvinismo estrito formulado no Sínodo de Dort (1618-19), realizado nos Países Baixos. O sínodo também é conhecido como “sínodo TULIP” [tulipa] porque os decretos nele estabelecidos podem ser organizados de modo a formar o acrônimo que remete à famosa flor holandesa: *total depravation* [depravação total], *unconditional election* [eleição incondicional], *limited salvation* [salvação limitada] e *perseverance of the saints* [perseverança dos santos]⁹

Todavia, a idade moderna trouxe consigo desafios ainda não enfrentados pela fé reformada. Reinhart Koselleck, historiador dos conceitos, em sua obra *Aceleración, prognosis y secularización*, aponta para o papel essencial da compreensão da experiência da secularização e da aceleração para o entendimento da modernidade. Segundo o autor, “secularização” é um termo de difícil apreensão, visto que continua a ser utilizado de diversas maneiras, com distintos significados. Entretanto, é possível traçar o seu núcleo de significado a três distintas acepções: 1) a transição do religioso para um estado secular (não-religioso); 2) a expropriação de bens eclesiais para destinar a novos fins; 3) uma categoria hermenêutica moderna da filosofia da história¹⁰.

Para o autor, as duas primeiras acepções da palavra apontam diretamente para a antítese espiritual/secular (*geistlich/weltlich*) a qual remonta à doutrina agostiniana da profunda oposição entre a *civitas Dei* e a *civitas terrena*¹¹. A terceira, por sua vez, remete-se ao pensamento liberal desenvolvido a partir da Revolução Francesa, presentes nas filosofias de Kant, Hegel, Dilthey, entre outros, na qual as antigas expectativas escatológicas cristãs foram temporalizadas¹².

⁹ LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 410.

¹⁰ KOSELLECK, Reinhart. **Aceleración, prognosis y secularización**. Valência: Pre-Textos, 2003, p. 37-63.

¹¹ “Dois amores fizeram as duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus — a terrestre; o amor de Deus até ao desprezo de si — a celeste. Aquela glorifica-se em si própria — esta no Senhor; aquela solicita dos homens a glória — a maior glória desta consiste em ter Deus como testemunha da sua consciência; aquela na sua glória levanta a cabeça — esta diz ao seu Deus: *Tu és a minha glória, tu levantas a minha cabeça*; aquela nos seus príncipes ou nas nações que subjuga, e dominada pela paixão de dominar — nesta servem mutuamente na caridade: os chefes dirigindo, os súbditos obedecendo; aquela ama a sua própria força nos seus potentados — esta diz ao seu Deus: *Amar-te-ei, Senhor, minha fortaleza*” (AGOSTINHO, 2000, p. 1319).

¹² KOSELLECK, *op. cit.*, p. 44-47.

Para todos ellos la tarea común de la época moderna estriba en que las expectativas cristianas de salvación ya no se sitúan en el más allá, sino en la realización moral y ética de la religión cristiana en este mundo. Este camino conduce de la escatología, que enseñaba el advenimiento del fin de la historia del mundo, al progreso, el cual debe realizar en el plano intramundano los postulados cristianos hasta alcanzar en el futuro la libertad respecto de cualquier forma de dominación¹³.

Deste modo, a modernidade buscou superar a antiga posição agostiniana baseada na presença da antítese temporal-eterno, espiritual-secular, através da temporalização das expectativas cristãs para o porvir. Todavia, como aponta o autor, isso não foi feito de modo que as ideias cristãs fossem negadas, pois, ao menos a princípio, forneceram a própria base do pensamento secular.

"secularización" puede significar que las problemáticas y las esperanzas cristianas - más concretamente, los contenidos de la fe cristiana - continúan siendo un presupuesto implícito para poder pensar y conocer en general la mundanización¹⁴.

Desta maneira, abriu-se espaço para a metamorfose da experiência do tempo na modernidade. O conceito cristão da “abreviação dos dias”, que consistia na expectativa de adiantamento do tempo natural com vistas à antecipação do juízo final e da salvação eterna, deu lugar, a partir dos avanços da ciência natural, à experiência de aceleração do tempo histórico, com um intervalo cada vez mais breve entre suas transformações¹⁵. O Juízo Final, antiga meta da abreviação, deu lugar ao tribunal da história, e a salvação foi vista como podendo ser alcançada por meio dos esforços humanos em direção ao progresso¹⁶.

O século XIX, por sua vez, foi responsável por consolidar a aceleração e levá-la a um status de experiência global. Nele, as metas secularizadas foram finalmente despedidas de seus elementos religiosos, e tomaram a roupagem do

¹³ KOSELLECK, *op. cit.*, p. 45.

¹⁴ *Ibidem*, p. 48.

¹⁵ Na sua obra, *Futuro Passado*, Koselleck descreve essa dinâmica como um progressivo distanciamento entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa: “A novidade era a seguinte: as expectativas para o futuro se desvincularam de tudo quanto as antigas experiências haviam sido capazes de oferecer. E as experiências novas, acrescentadas desde a colonização ultramarina e o desenvolvimento da ciência e da técnica, já não eram suficientes para servir de base a novas expectativas para o futuro. A partir de então, o espaço de experiência deixou de estar limitado pelo horizonte de expectativa. Os limites de um e de outro se separaram” (KOSELLECK, 2006, p. 318).

¹⁶ KOSELLECK, *op. cit.*, p. 48-49.

progresso técnico-científico¹⁷. Assim, como consequências da primeira e, sobretudo, da segunda revolução industrial, do avanço do capitalismo com a integração mundial e a dinâmica neoimperialista que fomentou, do progresso científico e tecnológico que começou a, efetivamente, influenciar a vida cotidiana das massas, a segunda metade do século XIX foi marcada por uma ruptura radical que, segundo Barraclough, deu início à História Contemporânea, confrontando as instituições estabelecidas até então:

Do âmago das novas sociedades industriais, foram desencadeadas forças que circunscreveram e transformaram o mundo inteiro, sem respeito por pessoas ou por instituições estabelecidas. Tanto para os habitantes das nações industrializadas como para os que viviam fora delas, as condições de vida mudaram de modo fundamental; criaram-se novas tensões e novos centros de gravidade iniciaram seu processo de formação. No final do século XIX, era evidente que a revolução iniciada na Europa era uma revolução mundial, que em nenhuma esfera, tecnológica, social ou política, esse ímpeto poderia ser defrontado, sustentado ou restringido. [...] suas consequências foram sobremodo decisivas; foi divisor de águas entre a História moderna e a contemporânea¹⁸.

Tais profundas transformações lançaram desafios às comunidades religiosas tradicionais, as quais precisaram se articular a fim de responder aos desafios lançados sobre elas. Como aponta Blom, um dos seus principais efeitos se manifestou numa crescente da indiferença quanto aos assuntos religiosos¹⁹. Entretanto, ao contrário do que se possa esperar, enquanto o secularismo avançava a ameaçava a religiosidade, nos Países Baixos, o protestantismo ortodoxo e o catolicismo romano ressurgiram como algumas das principais forças contra o secularismo:

Orthodox Protestants and Catholics were more effective in turning the tide of unbelief. Both groups could count on the powerful resurgence of traditional religion, evident throughout the nineteenth century, which showed no signs of dissipating at the century's end.

These religious movements did not simply attempt to reverse the secular tide; they exhibited sincere religious enthusiasm and an intense search for spiritual fulfillment. For many Catholics and Protestants of this period, faith was not restricted to church activities but was supposed to serve as the foundation for both personal and public activity. Building on past achievement and their newfound sense of purpose, the orthodox Protestant and Catholic segments

¹⁷ *Ibidem*, p. 60-61.

¹⁸ BARRACLOUGH, Geoffrey. O impacto do progresso técnico e científico. In: BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à Histórica Contemporânea**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 63.

¹⁹ BLOM, *op. cit.*, n.p.

of the population were able to both assert their influence over all of Dutch society and turn their subcultures into well-organized religious bulwarks²⁰.

Portanto, é justamente neste período que a Holanda vai começar a experimentar uma profunda reorganização da sociedade, a qual se ordenará segundo distintos e sólidos “pilares” que fornecerão a sustentação necessária para a continuidade da vida social, política, econômica e cultural nesta era de transformação, num movimento que vai ser conhecido como “pilarização”.

Estranho ao leitor de língua portuguesa, o termo “pilarização”, dentro da sociedade e política holandesa, se refere a um sistema de organização social no qual os diversos grupos que compartilham de uma mesma ideologia ou visão de mundo se articulam de modo a participar na vida política e cultural da nação em instituições baseadas em suas convicções²¹, sendo o calvinismo, o catolicismo romano, a social-democracia e o liberalismo²² os principais pilares da sociedade neerlandesa.

Por isso, definiu Blom:

the orthodox Protestant, Catholic, and social democratic population groups each increasingly developed closely knit and easily recognizable subcultures. They established their own organizations everywhere to compete with neutral, or ostensibly neutral, organizations. These subcultures possessed their own practices, their own ethos, and their own variations of the old bourgeois values. Thus Dutch society was increasingly divided into four parts, along the old divisions of religion and class. Years later, the term “pillarization” would be used to describe this arrangement²³.

Abraham Kuyper, teólogo reformado e primeiro-ministro dos Países Baixos durante os anos de 1901 a 1905, foi um dos responsáveis por contribuir com a estruturação da sociedade holandesa em pilares²⁴. O famoso mote de Kuyper, “não há um centímetro quadrado deste mundo do qual Cristo não possa dizer: é meu”²⁵,

²⁰ *Ibidem*.

²¹ VERBURG, Marcel. **Herman Dooyeweerd: the life and work of a christian philosopher**. Lincoln: Paideia Press, 2015. 537 p.438.

²² Os autores divergem quanto ao número e nomenclatura que caracterizam os pilares que estruturam a sociedade neerlandesa. Para Blom, são quatro os pilares: o “protestantismo ortodoxo”, o catolicismo, a social democracia e o liberalismo (este último sendo apresentado como um pilar menos organizado, e pretensiosamente neutro) (BLOM, 2006, n.p.). Verburg, por sua vez, numa definição cujo enfoque está direcionado mais propriamente para a esfera religiosa, chama atenção para três pilares: o calvinismo, o catolicismo e humanismo (VERBURG, *op. cit.*, p. 438).

²³ BLOM, *op. cit.*, n.p.

²⁴ ARBLASTER, Paul. **History of the Low Countries**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006, p. 196.

²⁵ Para compreender melhor a origem e discussão concernente ao mote, conferir: HENDERSON, Roger. Kuyper's Inch. *Pro Rege*, Sioux Center, v. 36, n. 3, p. 12-14, mar. 2008. Disponível em:

apresenta o seu projeto que indicava um retorno às Escrituras, sob a lente das Institutas da Religião Cristã de João Calvino e dos ensinamentos dos Cânones de Dort, de modo a aplicá-los à cultura e sociedade moderna. Por conta disso, o seu projeto ficou conhecido como neocalvinismo.

Entendendo o calvinismo não apenas como uma religião, mas como uma “tendência geral independente, que de um princípio matrix próprio, tem desenvolvido uma forma independente tanto para nossa *vida* como para o nosso *pensamento*”²⁶, Kuyper, em suas palestras Stone (1898)²⁷, buscou demonstrar a aplicabilidade do calvinismo às distintas áreas da vida. Assim, Wolters explica:

De acordo com Kuyper, o calvinismo não era apenas uma teologia, mas uma visão global da totalidade da vida e do mundo, que tinha implicações diretas para todas as áreas das atividades humanas. Cabia, portanto, aos calvinistas desenvolver essas implicações não apenas em suas vidas eclesiais e pessoais, mas também em todas as demais áreas da cultura²⁸.

Tal proposta de desenvolver o calvinismo para além das paredes eclesiais, aparecia em Kuyper como uma retomada da antítese agostiniana, presente também na doutrina calvinista, da existência de uma profunda e intransponível antítese entre o pensamento cristão e o secular. Assim, aplicando a doutrina da depravação total, seminalmente presente nas Institutas da Religião Cristã de João Calvino, e claramente apresentada nos Cânones de Dort, segundo Kuyper, a antítese refere-se:

em primeiro lugar à oposição espiritual entre obediência e desobediência a Deus, entre o Espírito de Deus e os espíritos deste mundo. Em termos práticos, significa uma grande divisão entre aqueles que reconhecem a realeza de Jesus e buscam honrá-la em cada área da vida e aqueles que negam essa realeza. A antítese, portanto, divide crentes de descrentes²⁹.

Portanto, em sua existência histórico-temporal, a antítese causa o choque entre as duas forças: a graça de Deus que restaura o homem e a natureza, e o

https://digitalcollections.dordt.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1380&context=pro_rege. Acesso em: 06 set. 2022.

²⁶ KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 23-24.

²⁷ As palestras Stone de Abraham Kuyper foram integralmente reunidas e traduzidas para o português no livro KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

²⁸ WOLTERS, Albert Marten. O meio intelectual de Herman Dooyeweerd. In: SPIER, Johannes Marinus. **O que é filosofia calvinista**. Brasília: Monergismo, 2019, p. 152.

²⁹ *Ibidem*, p. 160.

espírito da desobediência e do pecado que os pervertem. Logo, isso implicaria num chamado àqueles que foram alvos da graça restauradora em fazer frente, em todas as esferas da vida humana, às forças da secularização³⁰.

Nas palavras de Kuyper,

o Cristianismo está exposto a grandes e sérios perigos. Dois *sistemas de vida* estão em combate mortal. O Modernismo³¹ está comprometido em construir um mundo próprio a partir de elementos do homem natural, e a construir o próprio homem a partir de elementos da natureza; enquanto que, por outro lado, todos aqueles que reverentemente humilham-se diante de Cristo e o adoram como o Filho do Deus vivo, e o próprio Deus, estão resolvidos a salvar a “herança cristã”. Esta é a luta na Europa, esta é a luta na América, e esta também é a luta por princípios em que meu próprio país está engajado, e na qual eu mesmo tenho gasto todas as minhas energias por quase quarenta anos³².

De fato, “o monstro de dez cabeças e cem mãos”, como era chamado por seus adversários³³, produziu muito em vida, buscando fundar instituições nas mais variadas áreas da vida em combate ao “modernismo” e na busca por promover a cosmovisão reformada. Na área da política, fundou o Partido Antirrevolucionário (1879), que recebeu esse nome ao se opor aos princípios da Revolução Francesa na sociedade holandesa³⁴, e serviu no cargo de primeiro-ministro da Holanda entre os anos de 1901 e 1905; na educação fundou várias escolas cristãs e, em 1880, a Universidade Livre de Amsterdã (*Vrije Universiteit Amsterdam*), a qual viria a formar a futura geração de acadêmicos reformados na Holanda; além disso, fundou o jornal *De Heraut* (1871) para falar de assuntos eclesiásticos, e o *De Standaard* como porta-voz de suas ideias políticas, entre outros vários projetos³⁵.

Enquanto a antítese trabalhava como sustentáculo para o pilar calvinista que estava sendo erigido, o seu conceito de “graça comum”³⁶ permitia que o pilar

³⁰ *Ibidem*, p. 160-161.

³¹ O que Kuyper se refere como “Modernismo” é exatamente aquilo que estamos denominando como “secularismo”, e que aparecerá mais à frente sob o conceito de “humanismo”. Portanto, neste trabalho, os três termos são usados de modo intercambiável.

³² KUYPER, *op. cit.*, p. 19.

³³ DE VRIES, John Hendrik. Nota biográfica. In: KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 9-15.

³⁴ BLOM, *op. cit.*, n.p.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ Para compreender mais profundamente a dinâmica existente entre a antítese e a graça comum no pensamento de Kuyper, conferir: KLAPWIJK, Jacob. Antithesis and Common Grace. In: KLAPWIJK, Jacob; GRIFFIOEN, Sander; GROENEWOUD, G (ed.). **Bringing Into Captivity Every Thought**. Lanham: University Press Of America, 1991. Cap. 8. p. 169-190. Disponível em:

calvinista não se tornasse isolado na vida política. Kuyper defendia que a graça de Deus não se manifestava apenas de modo particular a fim de redimir a humanidade, mas se apresentava também, apesar de não redentivamente, a toda a sociedade, refreando (mas não extinguindo) os efeitos do pecado sobre o homem e a natureza. Desta maneira, para Kuyper, poderiam ser encontradas beleza e verdade, apesar do homem e do seu pecado, nas diversas esferas da vida não-redimida³⁷.

Por fim, o seu conceito de “soberania das esferas” levou Arblaster a classificá-lo como um “teórico da pilarização”³⁸. Para Kuyper, cada esfera da vida humana (a família, o estado, a igreja, etc.) recebe de Deus, o detentor de toda soberania, a sua autoridade para atuar dentro dos seus limites. Isso faz com as diversas instituições presentes na vida humana não sejam vistas como sendo derivadas do Estado, nem como necessitando de responder à sua autoridade para a sua atuação. Desse modo, o conceito de “soberania das esferas” abre a possibilidade para a reorganização da atividade religiosa na esfera pública, na promoção de instituições que respondem primariamente aos seus respectivos pilares.

Não demorou muito, entretanto, para que o trabalho de Kuyper frutificasse e uma nova geração de profissionais, estadistas e pensadores brotasse deste tronco — não só nos Países Baixos, como também do outro lado do Atlântico —, dando origem a distintas escolas de pensamento. Na Holanda, a *Wijsbegeerte der Wetsidee* [Filosofia da Ideia de Lei ou Filosofia Cosmonômica] de Herman Dooyeweerd foi um de seus mais notáveis frutos.

Nascido em Amsterdã, em 7 de outubro de 1894, filho proveniente do segundo casamento de Hermen Dooijeweerd com Maria Christina Spaling, Herman Dooyeweerd³⁹ foi criado em um lar profundamente comprometido com o cristianismo reformado⁴⁰. Desde o seu primeiro casamento, Hermen Dooijeweerd havia se unido à Igreja Reformada Holandesa, e acompanhava de perto os ensinamentos do teólogo reformado, e ex-primeiro-ministro holandês Abraham Kuyper — seguindo-o inclusive

https://www.allofliferedeemed.co.uk/Klapwijk/@Antithesis_&_Common_Grace.pdf. Acesso em: 07 nov. 2022.

³⁷ BLOM, 1894; KLAPWIJK, 1991.

³⁸ ARBLASTER, *op. cit.*, p. 196.

³⁹ As diferenças entre o nome e o sobrenome de Herman Dooyeweerd e de seu pai, Hermen Dooijeweerd, remontam às dinâmicas próprias da língua neerlandesa. Nessa língua, em um nome próprio, o “*ij*” pode ser equivalente ao “*y*”, dependendo, em muitos casos, da relação que a pessoa portadora deste nome estabelece com países de fala inglesa, pois nesta o “*y*” é mais familiar que o “*ij*”. Todavia, é necessário apontar, gramaticalmente os termos não são equivalentes.

⁴⁰ VERBURG, *op. cit.*, p. 1-2.

durante a crise conhecida como *Doleantie*⁴¹. Homem bastante letrado, Dooyeweerd costumava ler diariamente⁴² para a sua família os já citados *De Standaard* e *De Heraut*⁴³. Desde muito cedo, portanto, Dooyeweerd sofreu uma vasta e decisiva influência de Kuyper e de seu neocalvinismo.

Dooyeweerd ingressou no ensino médio no Ginásio Reformado de Amsterdã, que ficava localizado a curta distância da Universidade Livre de Amsterdã e fornecia a ela vários de seus alunos. A universidade, por sua vez, influenciava a escola com o seu quadro de professores. Seguindo, assim, o caminho provável de sua formação, em 1912 Dooyeweerd ingressou na Faculdade de Direito dessa mesma universidade⁴⁴, bebendo, desta maneira, durante toda a sua formação, das ideias desenvolvidas por Kuyper e de seu chamado “neocalvinismo”. Até mesmo após a sua formação e tendo recebido o seu título de doutor em 1917 pela referida universidade, Dooyeweerd continuou submerso na subcultura do calvinismo, como sumariza Wolters:

A influência de Kuyper permeou a vida de Dooyeweerd de todas as formas. Dooyeweerd foi criado em Amsterdã, num lar kuyperiano, frequentou um colégio (*gymnasium*) clássico neocalvinista nas localidades da Universidade Livre de Kuyper, estudou nesta universidade e recebeu seu doutorado em 1917, trabalhando em seguida, por alguns anos, como diretor do Instituto Kuyper em Haia, e finalmente, de 1926 a 1965, foi professor em sua *alma mater*. Nasceu e foi criado na subcultura do neocalvinismo e passou toda a sua vida propagando e desenvolvendo sua cosmovisão geral⁴⁵.

Criado dentro do pilar calvinista, recebendo influência direta de Kuyper em sua formação, Dooyeweerd gradualmente construiu um sistema filosófico abrangente, cujo coração reside na crítica à suposta autonomia do pensamento teórico. Nesse sentido, Rousas Rushdoony, na introdução da primeira edição de *No crepúsculo do pensamento Ocidental* magistralmente resumiu:

⁴¹ Em 1886, tensões dentro da Igreja Reformada Holandesa culminaram em uma divisão. Kuyper e vários dos seus seguidores deixaram a denominação e formaram as Igrejas Reformadas nos Países Baixos. Blom aponta que esta denominação vai funcionar como o *core* de articulação do pilar calvinista nos países baixos (BLOM, 2006, n.p.).

⁴² Zumthor, analisando a vida cotidiana na Holanda do século XVII, indica que a “religião holandesa”, desde o princípio, possuía um caráter familiar, na qual “a família constitui o quadro natural de toda a vida religiosa” (ZUMTHOR, 1989, p. 107). Assim, o pai, como um sacerdote do lar, era responsável pela educação teológica e pela adoração familiar. Esse costume presente já no século XVII, poderia ser verificado na família de Dooyeweerd.

⁴³ VERBURG, *op. cit.*, p. 2-3.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 5.

⁴⁵ WOLTERS, *op. cit.*, p. 151-152.

A posição central de Dooyeweerd é a insistência em que só a filosofia verdadeiramente cristã pode ser crítica e que a filosofia não cristã é inevitavelmente dogmática. Na base de todas as filosofias não cristãs estão certos compromissos e pressupostos pré-teóricos extensos que são basicamente religiosos. O homem supõe a autossuficiência e a autonomia de seu pensamento filosófico. Ele torna Deus relativo, e seu próprio pensamento, ou algum aspecto da cristão, absoluto. Como resultado dessa atitude, o homem, em sua pretensa autonomia, logo percebe que não só o mundo da experiência cotidiana é um problema, mas também ele é um problema para si mesmo. À luz dessa pressuposição, sempre que tenta pensar filosoficamente, o homem percebe que é fácil, na China ou no Ocidente, cair no ceticismo até mesmo em relação à própria existência, ou ao menos em seu processo de pensamento. Como resultado, ele muitas vezes encontra-se aprisionado entre a tensão da dúvida radical e uma aceitação de toda percepção como substancial, porque o sujeito da percepção, o homem, em seu pensamento, é ele mesmo substância, i.e., ser que subsiste em si mesmo⁴⁶.

Ao absolutizar algum aspecto da realidade, o pensamento não-cristão resulta em diversas antinomias, as quais privam-no inteiramente de sua conexão com a experiência comum. Este distanciamento entre o pensamento teórico e a vida cotidiana faz com que, conforme afirmado por Rushdoony, os filósofos, mesmo quando estão sendo claros, tornem-se “mais confusos que crianças”⁴⁷. Toda essa confusão, portanto, seria resultado da absolutização do relativo, e da tendência inevitável das filosofias não-cristãs “à tensão, ao paradoxo e à antinomia”⁴⁸.

Após estabelecer sua tese de que todo o pensamento teórico é orientado pela fé, Dooyeweerd desenvolve um abrangente e elaborado sistema filosófico que não se fundamenta na suposta autonomia do pensamento teórico, mas sim reconhece os seus pressupostos e os situa na história da redenção cristã. A Filosofia Cosmonômica, segundo Rushdoony, desde o princípio não tinha a pretensão de ser completamente original, mas assumia a sua herança reformada:

Dooyeweerd seria o primeiro a negar a pretensão de ser original ou que seu sistema fosse definitivo; ao contrário, ele afirma que seu trabalho é um desdobramento da filosofia cristã baseada nos fundamentos bíblicos de João Calvino e Abraham Kuyper⁴⁹.

⁴⁶ RUSHDOONY, Rousas John. Introdução à primeira edição. In: DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. Brasília: Monergismo, 2018. p. 16.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 17.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 18.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 15.

Apesar de não possuir a pretensão de criar uma filosofia sobre bases completamente novas, é necessário reconhecer uma grande dose de originalidade no sistema de Dooyeweerd. Em parte, essa originalidade decorre do fato de que, como acusa Spier, a sua filosofia “não busca o conteúdo do seu sistema na Bíblia, mas *em sujeição à norma da Escritura e em sua luz encontra seu conteúdo*”⁵⁰. Portanto, define: “A filosofia calvinista [...] é a *investigação científica da totalidade cósmica em submissão completa à Palavra de Deus*”⁵¹. É a partir da pretensão de Dooyeweerd de construir uma filosofia cujos pressupostos de fé são abertamente assumidos que Rushdoony pôde concluir:

Dooyeweerd começa por negar que a ciência seja a fonte dos princípios permanente e termina estabelecendo a atividade científica como parte da vocação e do chamado do homem. [...] a visão que aparentemente “rejeita” a ciência torna-se a única fonte da verdadeira ciência, ao passo que qualquer visão que torne absoluto aquilo que é relativo termina por destruir o valor daquele aspecto da criação e pro castrar a vida e a experiência⁵².

Desse modo, o sistema filosófico de Dooyeweerd não se limitou apenas a fundamentar o neocalvinismo academicamente, mas buscou oferecer respostas abrangentes que abarcam a totalidade da vida. Entre essas respostas, ele foi capaz de dialogar e apresentar soluções para a mais recente e profunda crise enfrentada pela modernidade: as duas grandes guerras mundiais.

⁵⁰ SPIER, Johannes Marinus. **O que é a filosofia calvinista?** Brasília: Monergismo, 2019, p. 35-36 (grifos do autor).

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² RUSHDOONY, *op. cit.*, p. 23.

2. A DOORBRAAK NA CRISE DO OCIDENTE

Jacques sempre me dizia: 'Eu não ousou fazer mais nada, porque tenho medo de que não seja permitido'.

Anne Frank, 1942⁵³

A histórica postura de neutralidade que os Países Baixos mantiveram desde a independência da Bélgica em 1830 permitiu com que se desenvolvessem comercialmente sem se embaraçar em conflitos internacionais. Como Blom aponta, o que num primeiro momento seria apenas um movimento resultante da fraqueza do país, com vistas à sobrevivência nacional no cenário internacional, foi se tornando, cada vez mais, uma política consolidada que se manteria por pouco mais de um século:

as the years went by, the Dutch developed higher principles to undergird this policy: international law, ethical considerations, and the reasoning that it was in Europe's interest that the important Dutch river delta never fall into the hands of a great power. In this way, neutrality, aloofness, and independence each became, as circumstances dictated, unshakable principles by which the Dutch judged their country's position in the world⁵⁴.

De fato, a neutralidade neerlandesa concedeu terreno fértil para o desenvolvimento do país. Todavia, esse período de crescimento sofreu um grande abalo com a Primeira Guerra Mundial. Apesar das potências beligerantes respeitarem a neutralidade dos Países Baixos durante o conflito, não se pode dizer que ele saiu ileso⁵⁵. Todavia, o abalo causado pela guerra não foi capaz de proporcionar uma profunda transformação na sociedade, a qual saiu da primeira guerra ainda largamente “pilarizada”⁵⁶.

Neste momento, Dooyeweerd prosseguia com seus estudos. É possível perceber ali, através de artigos que publicou entre os anos de 1914-1917, o esboço de uma crítica cultural que buscava demarcar a antítese entre o pensamento cristão

⁵³ FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

⁵⁴ BLOM, Johan Cornelis Hendrik. The Netherlands since 1830. In: BLOM, Johan Cornelis Hendrik; LAMBERTS, Emiel (ed.). **History of the Low Countries**. 2. ed. Nova Iorque: Berghahn Books, 2006. Cap. 8.

⁵⁵ Dentre os efeitos que se pode citar, os abalos sofridos na área do comércio externo, por exemplo, levou à dificuldade de importação de alimentos e à fome dentro do país; problema esse que iria voltar a se repetir e se intensificar durante a Segunda Guerra Mundial.

⁵⁶ *Ibidem*.

e o não-cristão nas artes e na filosofia⁵⁷. Todavia, é no entre-guerras que vai começar a desenvolver com toda abrangência o seu pensamento. Coincidentemente, Blom aponta que é justamente neste momento em que a "pilarização" também se aprofundou⁵⁸.

A partir de primeiro de outubro de 1922, Dooyeweerd passa a trabalhar na Fundação Kuyper, criada após a morte de Abraham Kuyper ocorrida em novembro de 1920, com o objetivo de fornecer ao Partido Antirrevolucionário base acadêmica sólida para a defesa de seus princípios na esfera pública. Os quatro anos que passou trabalhando na Fundação foi um dos períodos mais academicamente frutíferos de sua vida, no qual, como informa Verburg, "he laid most of the foundation for the philosophical edifice that would be elaborated in the years to come and attract many followers"⁵⁹. Deixando a Fundação Kuyper em 1926, ingressou como professor de direito na Universidade Livre de Amsterdã, na qual terá a oportunidade de continuar a desenvolver o seu sistema filosófico, coroado pela publicação de sua *magnum opus*, *De Wijsbegeerte der Wetsidee*, em 3 volumes durante os anos de 1935 e 1936.

Enquanto na Primeira Guerra a neutralidade dos Países Baixos foi respeitada, na Segunda Guerra foi logo aniquilada pela invasão e ocupação das tropas germânicas, as quais precisavam de uma verdadeira *Blitzkrieg* (guerra-relâmpago), a fim de que seus inimigos não fossem capazes de mobilizar e unir suas forças contra elas⁶⁰. Deste modo, interessado em assegurar o seu objetivo de conquistar o território francês com velocidade a fim de evitar uma guerra em duas frentes, em 10 de maio de 1940, o *Terceiro Reich* invadiu o até então neutro território dos Países Baixos. Dentro de cinco dias, após um pesado bombardeio aéreo a Roterdã, o exército neerlandês declarou sua capitulação⁶¹. Como aponta Hobsbawm,

Na primavera de 1940, a Alemanha levou de roldão a Noruega, Dinamarca, Países Baixos, Bélgica e França com ridícula facilidade, ocupando os quatro primeiros países e dividindo a França numa zona diretamente ocupada e administrada pelos alemães vitoriosos, e num "Estado" satélite francês⁶².

⁵⁷ Cf. VERBURG, *op. cit.*, p. 8-17.

⁵⁸ BLOM, *op. cit.*, n.p.

⁵⁹ VERBURG, *op. cit.*, p. 82.

⁶⁰ HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX, 1914 - 1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 45.

⁶¹ GEYL, 1964; BLOM, 2006; ARBLASTER, 2018.

⁶² HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 46.

Imagem 1 - Danos da guerra deixados pelo bombardeio de Roterdã



© Ed van Wijk / nfa, coll. Nederlands fotomuseum

Fonte: VAN WIJK, 1940.

Dentro de duas semanas após a capitulação, as tropas invasoras já estabeleciam seu regime sob o comando do nazista austríaco Arthur Seyss-Inquart, nomeado Comissário do Império (*Reichskommissar*). No entanto, durante as primeiras semanas da ocupação, o regime utilizou de uma retórica e tratamento suave para com os civis, de modo que para muitos havia a impressão de que a ocupação ocorreria de maneira mais tranquila do que fora imaginado⁶³. Hirschfeld demonstra que o modo pelo qual a comunidade dos Países Baixos foi tratada no início da ocupação havia sido cuidadosamente planejado, a fim de que os interesses dos invasores fossem assegurados :

In his First Report, which was presented to Hitler on 23 July 1940, Seyss-Inquart formulated his instructions again, pointing out that they consisted of 'securing public order and public life for the protection of the Reich's interests'; then he specified the political mission bound up with these instructions 'of economically linking the Netherlands as closely as possible to the Reich, but at the same time preserving their formal independence in order to maintain control over the Dutch-Indian areas'. This could be achieved most readily 'if we succeed in formulating a series of political objectives which make an economic link with the Reich seem to be the will of the Dutch people'⁶⁴.

⁶³ GEYL, 1964; BLOM, 2006; ARBLASTER, 2018.

⁶⁴ HIRSCHFELD, Gerhard. Collaboration and Attentism in the Netherlands 1940-41. *Journal Of Contemporary History*, Londres, v. 16, n. 3, p. 467-486, 3 jul. 1971. Trimestral. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/260315>. Acesso em: 29 dez. 2022, p. 471.

O cauteloso plano foi arquitetado com o intuito de que nos primeiros meses da ocupação as bases de apoio para o governo nazista em solo neerlandês pudessem se alargar de tal modo que a sociedade neerlandesa pudesse rapidamente e quase que voluntariamente se nazificar⁶⁵. Em grande medida, o objetivo do *Reich* foi favorecido pelo cenário psicológico produzido pela “ridícula facilidade”, nas palavras de Hobsbawm, com a qual o exército alemão alcançou suas vitórias sobre os países da Europa Ocidental. Assim, para os neerlandeses, naquele momento, dominava a completa desesperança, a noção de que a guerra havia acabado e de que, por isso, deveriam não buscar a resistência direta, mas se adaptar à nova situação⁶⁶.

Aliado ao abatimento causado pela rápida derrota, uma antiga insatisfação com a dinâmica política e social da nação ganhou forças renovadas. Desde, pelo menos, a década 30, o sistema parlamentar “pilarizado” vinha sendo encarado por alguns segmentos da sociedade⁶⁷ como antiquado para as necessidades do povo neerlandês. Muito presente nos discursos da época, a ideia de uma Viragem (*Doorbraak*)⁶⁸ clamava pela superação desse sistema. Deste modo, apesar do desejo de soberania do povo holandês, os críticos da “pilarização” desejavam uma reforma política e social profunda, e viram na ocupação a oportunidade para o estabelecimento de um sistema de governo forte e unificado, não mais baseado na democracia “pilarizada”. Imediatamente, a própria derrota neerlandesa e a consequente ocupação do seu território foi atribuída não ao insucesso da política de neutralidade, mas ao sistema democrático parlamentar “pilarizado”⁶⁹.

O anseio por um governo forte e unificado compatibilizou precisamente com as intenções do *Reich*. Logo, um movimento autorizado pelo governo alemão surgiu para dar voz a essas aspirações: a União Holandesa (*Nederlandse Unie*).

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ GEYL, 1964, p. 216; HIRSCHFELD, 1971, p. 472.

⁶⁷ Gerhard Hirschfeld revela que em 1937 um grupo de católicos com tais aspirações foi formado no sul dos Países Baixos, na província de Brabante do Norte (HIRSCHFELD, 1971, p. 473), no mesmo local de onde surgirá a *Nederlandse Volksbeweging* (NVB), grupo que proporá a superação da antítese cristã e do sistema de pilares no pós-guerra, a respeito do qual vamos tratar mais à frente.

⁶⁸ O termo *Doorbraak* foi traduzido e popularizado em inglês como *Breakthrough*, e em português como Viragem. Por conseguinte, utilizaremos as três expressões de modo intercambiável neste trabalho.

⁶⁹ HIRSCHFELD, *op. cit.*, p. 473-474.

Imagem 2 - Manifesto ao Povo Holandês (União Holandesa)⁷⁰

Fonte: EINTHOVEN; HOMAN; QUAY, 1940.

Acima, vemos um panfleto que veiculou o manifesto da União Holandesa, no qual, entre outras coisas, encontramos a declaração da necessidade de se reconhecer a modificação das relações, e a necessidade de uma atuação que esteja

⁷⁰ Na imagem, lemos: “Manifesto ao povo holandês. Compatriotas! Uma nova tarefa nasceu da necessidade dos tempos. Convidamos você a assumir essa tarefa conosco. Apelamos a você, com sua própria força e de acordo com nossa própria natureza holandesa, para lutarmos juntos por uma nova solidariedade holandesa por meio de um trabalho resolutivo. Em primeiro lugar é necessário o reconhecimento das relações modificadas. Cooperação nacional na base mais ampla. Desenvolvimento econômico harmonioso, com a vinculação de toda a força de trabalho de nosso povo. Justiça social, para que haja trabalho para todos e satisfação no trabalho para todos, jovens e velhos, fortes e fracos. Inspiração da juventude em um sentido patriótico. Queremos alcançar isso da maneira holandesa, respeitando a liberdade e a tolerância espirituais tradicionais. Queremos fazer nosso trabalho em contato com os holandeses e as autoridades de ocupação. Povo holandês! Dê à nossa busca todos os seus poderes. Quem se mantém indiferente, prejudica a causa holandesa. Junte-se! Aqueles que são holandeses de nascimento e que atingiram a idade de 18 anos podem se tornar membros. - Contribuição: mínimo de 50 centavos por ano. - Endereço: Alexanderstaat 11. Haia. A União Holandesa. Poderosos e unidos! L. Einthoven, J. Linthorst Homan, J. E. De Quay”.

em contato com os holandeses e com as autoridades da ocupação. Cooperação nacional, desenvolvimento econômico, trabalho, justiça social e a juventude são alguns dos temas evocados. Tudo isso, tendo as cores da bandeira dos Países Baixos como fundo. O manifesto é assinado pelos líderes do movimento, Linthorst Einthoven, Johannes Linthorst Homan e Jan Eduard de Quay, os quais juntos ficaram conhecidos como o Triunvirato (*Het Driemanschap*)⁷¹.

O crescimento do movimento ocorreu de maneira nunca antes vista na história dos países baixos. Hirschfeld registra:

In the first two weeks 25,000 members had already joined, who, in accordance with the organization's statutes had to be eighteen years of age and prepared to pay a minimum subscription of 50 cents per year. By the middle of October, a mere two months after its founding, the Union already had half a million members and in February 1941 as many as 800,000 Dutch people had joined (out of a population of approximately nine million)⁷².

Não obstante, tamanho crescimento não se deveu a uma aceitação incondicional da ideologia do movimento. Certamente, o movimento serviu como porta-voz da insatisfação com o parlamentarismo “pilarizado” da política pré-1940. Entretanto, a grande maioria das pessoas aderiram à membresia do movimento por uma série de outros motivos. Hirschfeld argumenta em prol de 3 razões principais, sendo elas: 1. A necessidade de expressar a insatisfação com os eventos políticos recentes, o que obteve pouco espaço para exposição pública até então; 2. A possibilidade de se utilizar o movimento como uma plataforma política, em especial quando considerada a impotência dos partidos políticos naquele contexto; 3. A tolerância do governo ao movimento, sem que a aderência a ele resultasse em represálias diretas⁷³. Deste modo, para muitos, a membresia na União Holandesa apenas representou uma forma de protesto antigermânico, e, particularmente na esfera política, uma confrontação ao Partido Nacional Socialista neerlandês (*Nationaal-Socialistische Beweging*), o NSB.

Ainda que a União Holandesa tenha sido compatível com os planos do *Reich* para os primeiros meses da ocupação, a sua própria natureza parcialmente oposicionista a levava à recusa de se submeter cegamente a cada uma das regras provenientes do governo invasor, o que acabou por gerar um crescente de atritos

⁷¹ HIRSCHFELD, *op. cit.*, p. 475.

⁷² *Ibidem*, p. 477.

⁷³ *Ibidem*, p. 478.

entre o movimento e as autoridades germânicas. Ademais, a heterogeneidade política, social e religiosa dos seus membros provocava conflitos internos sobre os rumos que o movimento tomaria, pois apesar de aderirem à União, a grande maioria dos seus membros não abandonou a fidelidade prestada aos antigos pilares⁷⁴. Portanto, encontrando maior resistência do que parecia esperar do movimento e da sociedade holandesa, o plano de levar a sociedade holandesa a voluntariamente se nazificar foi abandonado, e o resultado foi a imposição severa do regime sobre o povo neerlandês⁷⁵. Como aponta Hirschfeld,

In the same proportions as the 'Triumvirat' gained the trust of the members, it lost the interest of the *Reichskommissar*. [...] as far as the *Reichskommissar* was concerned the 'unity movement' was a write-off from the moment it refused to agree to every single step the occupying power was going to take⁷⁶.

Como resultado, no dia 13 dezembro de 1941, o *Reich* proibiu o funcionamento de todos os partidos não-fascistas neerlandeses, além de extinguir a União Holandesa, proclamando, no dia seguinte, o Partido Nacional Socialista como o único partido reconhecido pelo governo⁷⁷. Todavia, na medida em que se acentuava a opressão, mais acirrada se tornava a resistência. Enquanto a resistência aberta foi vigorosamente reprimida, pequenos grupos se organizaram de modo furtivo para contrapor o poder estrangeiro⁷⁸.

A primeira grande crise que se abateu sobre o povo neerlandês durante a ocupação ocorreu ainda em 1940, revelando a face cruel do *Reich*, ainda que não totalmente neste primeiro momento. Medidas de repressão foram tomadas contra os aproximadamente 140 mil judeus que viviam nos Países Baixos naquele período, forçando-os a registrarem a si e os seus negócios a fim de que fossem distinguidos dos demais não judeus. Daí, veio a demissão dos seus antigos cargos de trabalho, o

⁷⁴ O pilares estavam tão arraigados na vida política holandesa que o próprio Partido Nacional Socialista neerlandês, fundado em 1931, praticamente não obteve sucesso algum de penetração na sociedade, recebendo apenas 8 por cento dos votos em 1935, decaindo para 4 por cento em 1937 e 1939.

⁷⁵ BLOM, *op. cit.*, n.p.

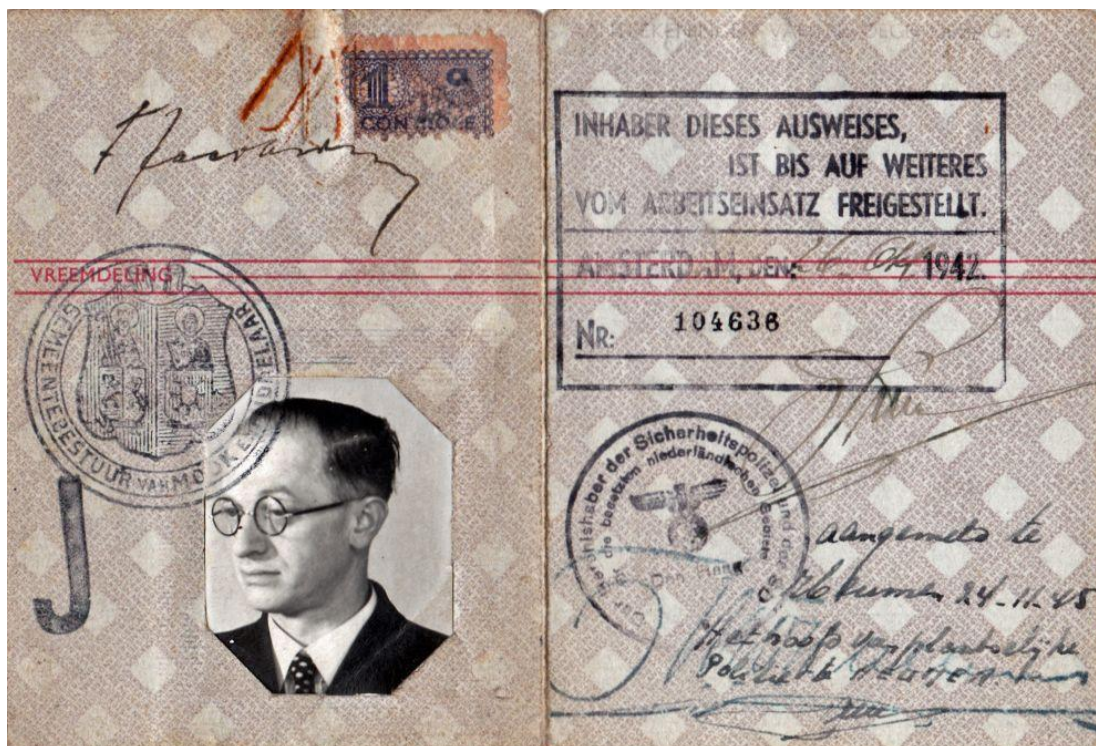
⁷⁶ HIRSCHFELD, *op. cit.*, p. 483.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 481.

⁷⁸ SLOT, J. A. H. I. S. Bruins. The Resistance. **The Annals Of The American Academy Of Political And Social Science**. Filadélfia, p. 144-148. maio 1946. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1024814>. Acesso em: 29 dez. 2022, p. 144; GEYL, 1964; BLOM, 2006; ARBLASTER, 2018.

aumento da perseguição, o envio compulsório para campos de trabalho forçado, até, por fim, para campos de concentração e extermínio⁷⁹.

Imagem 3 - Carteira de identidade de Fritz Jacobsohn



Fonte: KALBER, 2021.

Apesar de um alto grau de cooperação ser necessário para que tais medidas pudessem ser implementadas⁸⁰, a sociedade neerlandesa, a qual até então possuía o histórico de tratar as populações judias em seu território de modo respeitoso, não receberam bem tais medidas. As atitudes antisemitas do governo foram denunciadas amplamente por diversos setores da sociedade, especialmente, nota McKale, pelas igrejas protestantes e católicas, e pelos alunos e professores da Universidade de Leiden. Mobilizações e protestos foram realizados, mas tiveram pouco resultado, visto que foram imediatamente sufocadas pelos nazistas⁸¹:

These events, along with German efforts to send Dutch workers to Germany, provoked the first major anti-Nazi uprising in German-occupied Europe.

⁷⁹ SLOT, 1946, p. 145; MCKALE, 2002, p. 163; ARBLASTER, 2018, p. 226.

⁸⁰ SLOT, *op. cit.*, p. 145.

⁸¹ MCKALE, Donald M. **Hitler's shadow war**: the holocaust and World War II. Nova Iorque: Cooper Square Press, 2002. 543 p. Disponível em: <https://archive.org/details/hitlersshadowwar0000mcka/mode/1up>. Acesso em: 02 jan. 2023, p. 163.

During 25-26 February 1941, a Communist-inspired general strike broke out in Amsterdam and elsewhere in the country, but the Germans quickly suppressed it. Thereafter they separated Jewish affairs from general politics, worked further to isolate the Jewish population, and steadily implemented more anti-Jewish measures⁸².

O expurgo dos judeus nos Países Baixos foi um dos mais bem-sucedidos dentre todos os territórios ocupados. Contando com uma população de aproximadamente 140 mil judeus antes da guerra, cerca de 100 mil (75%) foram mortos em campos de concentração e extermínio⁸³, sendo provavelmente a história de Anne Frank o mais conhecido caso. O restante dos judeus, aproximadamente 40 mil, sobreviveram se escondendo ou fugindo do país⁸⁴.

Uma segunda faceta da opressão que alimentou a resistência do povo neerlandês foi o envio massivo de jovens para trabalhos forçados nas indústrias alemãs. Em 1942, o *Reich* começou a convocar não-judeus para realizar trabalhos forçados na Alemanha, sob severas punições caso se recusassem. Milhares de jovens se evadiram deste dever se escondendo das autoridades germânicas em esconderijos, usando carteiras de identidade falsas, i.e., se mantendo fora dos radares da polícia nazista. Outros, mesmo após serem enviados para os campos de trabalho forçado, foram capazes de fugir de volta para os Países Baixos⁸⁵. Quando passaram a viver na ilegalidade, muitos desses jovens se tornaram membros da resistência, compondo o quadro daqueles que ficaram conhecidos como *onderduikers* (literalmente, “aqueles que mergulham/submergem”), i.e., membros da resistência⁸⁶. Ao mesmo tempo, este mesmo grupo foi o mais ajudado pelas organizações clandestinas⁸⁷. Segundo aponta Geyl, “em 1944, o número de *onderduikers*, o qual inicialmente era composto majoritariamente por judeus, estava estimado em aproximadamente 300 mil pessoas”⁸⁸.

A resistência provia todo o necessário para o trabalho dos *onderduikers*. Além de abrigos e esconderijos para os perseguidos pelo *Reich*, a confecção de identidades falsas, a distribuição de cartões de racionamento de alimento⁸⁹, a

⁸² *Ibidem*.

⁸³ GEYL, 1964, p. 218; MCKALE, 2002, p. 163; BLOM, 2006.

⁸⁴ BLOM, *op. cit.*, n.p.

⁸⁵ SLOT, 1946, p. 146; GEYL, 1964, p. 219; ARBLASTER, 2018, p. 226.

⁸⁶ ARBLASTER, *op. cit.*, p. 226.

⁸⁷ SLOT, 1946, p. 146; GEYL, 1964, p. 2019.

⁸⁸ GEYL, *op. cit.*, p. 219.

⁸⁹ “A comida era severamente racionada por meio da apresentação de cartões de identidade e cupons de alimentação. Uma habilidade técnica acurada era necessária para forjar tais papéis, e a fim de que

assistência financeira para os familiares dos *onderduikers*, entre outros, eram trabalhos fornecidos pela resistência. Tudo isso, contudo, despendia profusamente os escassos recursos financeiros e humanos. Portanto, a fim de que a resistência pudesse angariar recursos e ser efetiva, uma vasta máquina de propaganda foi necessária⁹⁰. J. A. H. I. S. Bruins Slot, membro da resistência e editor chefe do jornal *Trouw* (jornal ligado ao Partido Antirrevolucionário), em suas memórias sobre a resistência argumenta:

Dutch resistance first took on a total character in the spring of 1943 when Hitler proclaimed total war, which included the total drafting of labor. This was the beginning of mass activity both in the field of propaganda and in that of sheltering, caring for, and financing the countless “divers” (underground members)⁹¹.

To make all this work a success, to keep the Dutch people out of the German labor draft, and to make them feel the importance of “diving”, an extensive propaganda was necessary. [...] A great part of the propaganda was up to the press. The number of pamphlets and brochures which appeared created a very extensive underground periodical press⁹².

Formas clandestinas de se disseminar a informação, por conseguinte, foram largamente empregadas como método não apenas de se obter informação confiável sobre os alemães, à parte daquela publicada pela propaganda nazista, mas também de financiar a resistência⁹³. Num esforço conjunto, embora por vezes conflituoso, entre os outrora antagônicos pilares, diversos pequenos jornais foram criados, sendo os principais: o *De Waarheid* (A Verdade), em 15 de maio de 1940; o *Vrije Nederland* (Países Baixos Livres), em 30 de agosto de 1940; o *Het Parool* (O Lema), em 10 de maio de 1941; e o *Trouw* (Fidelidade), em 18 de fevereiro de 1943. Alguns deles estão em atividade até hoje. Segundo Lijphart, é interessante observar a evidente perseverança da “pillarização” debaixo de circunstâncias tão adversas:

chegassem nas mãos daqueles para quem se destinavam, milhares de ajudantes foram empregados (entre eles, várias mulheres). [...] Com o passar do tempo, os métodos de forja e distribuição se tornaram mais elaborados. Grupos especiais foram formados com o propósito de fazer incursões em depósitos onde os papéis genuínos ficavam estocados” (GEYL, 1964, p. 220, tradução livre do autor).

⁹⁰ SLOT, J. A. H. I. S. Bruins. The Resistance. **The Annals Of The American Academy Of Political And Social Science**. Filadélfia, p. 144-148. maio 1946. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1024814>. Acesso em: 29 dez. 2022, p. 146.

⁹¹ *Ibidem*.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ *Ibidem*, p. 145.

It is significant that the bloc pattern of the Dutch press persisted even in the underground press during the five years of German occupation in the Second World War. Of the five principal clandestine publications, four had definite bloc connections. *Vrij Nederland* was originally founded by young Calvinists but later became exclusively secular and pro-Socialist. *Het Parool* was also Socialist, *Trouw* was Calvinist, and *De Waarheid* was Communist. Only one of the illegal publications transcended bloc lines: *Je Maintiendrai*. It included a diverse group of Catholics, Protestants, and secular people. It is perhaps even more significant that the four bloc-oriented papers continued in existence as dailies or weeklies after the Second World War, whereas the more broadly based *Je Maintiendrai* did not survive the end of war and occupation⁹⁴.

Imagem 4 - Panfleto publicado pela revista ilegal *Trouw*⁹⁵



Fonte: TROUW, 1944.

Não obstante, enquanto setores da resistência se dividiram em pilares, ainda assim essas antigas barreiras não impediram os esforços mútuos de cooperação em prol da autonomia e preservação do povo neerlandês. Entretanto, foi no cárcere que a ideia da superação das antigas barreiras da sociedade “pilarizada”, a *Doorbraak*,

⁹⁴ LIJPHART, Arend. *The Politics of Accommodation: pluralism and democracy in the netherlands*. 2. ed. Berkeley: University Of California Press, 1975.

⁹⁵ Na imagem, lemos: “Você está de olho na queda da Alemanha? A resistência em massa permanece a lei!”, apontando para a ideia de que a resistência ao governo seria legítima.

renasceu. O historiador Pieter Geyl, relatando as suas memórias sobre a guerra, testemunhou este momento:

early in October 1940 I had been arrested, with some hundred others, politicians (Dress was one, and all parties were represented), journalists, university professor, men in all walks of life [...]. In November 1941 we were transferred to a place of internment in North Brabant, where circumstances were still easier, although of course the confinement, the enforced passivity, were hard to bear⁹⁶.

A prisão a qual Geyl se referia na província de Brabante do Norte (*North Brabant*), ficava localizada no município de *Sint-Michielsgestel*, mais especificamente, no seminário católico *Beekvliet*⁹⁷, região sul dos Países Baixos, e recebeu como cativos diversas personalidades políticas e intelectuais da nação holandesa⁹⁸, como o historiador Johan Huizinga, os futuros primeiros ministros neerlandeses Willem Schermerhorn e Willem Drees, os antigos membros do "Triunvirato" da União Holandesa Jean Eduard de Quay e Johannes Linthorst Homan, entre vários outros⁹⁹.

⁹⁶ GEYL, *op. cit.*, p. 217-218.

⁹⁷ DORSMAN, Leen. Pieter Geyl and the idea of federalism. In: VAN ROSSEM, Stijn; TIEDAU, Ulrich (ed.). **Pieter Geyl and Britain: encounters, controversies, impact**. Londres: University Of London Press, 2022. Cap. 6. p. 133-146. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv2xszr0v.10>. Acesso em: 05 jan. 2023, p. 134.

⁹⁸ Willem Schermerhorn faz um diagnóstico transversal da composição social dos reféns: "havia gente desde grandes industriais a bancários, um grupo de professores de Leiden, clérigos de quase todas as confissões religiosas, muitos prefeitos além de médicos e advogados, homens de letras, artistas e muito mais. Uma mistura colorida, na qual os políticos do pré-guerra foram apenas fracamente representados. Os ativos entre eles, se fossem pegos, acabavam em um campo de concentração e não no que às vezes chamei de residência dos "Ehregaste des Führers" [Convidados de honra do Führer]". SCHERMERHORN, 1967, p. 25, tradução livre do autor).

⁹⁹ GEYL, 1964; BERKELAAR, 2002; OTTERSPEER, 2010; SPIT, Jan. Straatnamen die een link hebben met het voormalige seminarie/gijzelaarskamp Beekvliet. **Den Heertgang**, Sint-Michielsgestel, v. 21, n. 12, p. 31-42, out. 2015. Disponível em: https://www.deheerlijkheidherlaar.nl/images/uploads/documenten/2015%2CJr.21%2CNr.2_oktober_Beekvliet_200.pdf. Acesso em: 23 jan. 2023, p. 34.

Imagem 5 - Lista de nomes dos prisioneiros de *Beekvliet*¹⁰⁰

Naam	Geboren	Beroep	Woonplaats	Straat	Gijzeling	Ontslag
Roumen, L. J.	21-2-1905	R.K. Priester-Aalmoezener, Soc. Werken	Maastricht	Hertogsingel 97	13-8-1942	15-12-1942
Rovers, J. H.	9-12-1905	Chef. Gem.magaz. A'dam	Heemstede	Asterkade 23	4-5-1942	15-12-1942
Rozenbroek, M. D.	13-2-1896	Scheik. Dir. Chem. Fabriek	Delden (O.)	A 21	13-8-1942	20-4-1944
Ruberg, B. H. F.	24-10-1896	Priester	Leeuwarden	Harlingerstraatweg 7a	Ha 13-7-1942	10-11-1943
Ruinen, F. H.	23-2-1908	Arts	Leren (N.-H.)	Hilversumsheweg 21	4-5-1942	18-12-1943
Ruis, J.	2-10-1894	Kantoorhouder P.T.T.	Son en Breugel	C 6	30-12-1945	31-3-1944
Rus, W.	3-7-1909	Notarislerk	Schagen	Landbouwstr. D 128	4-5-1942	17-12-1942
Rutgers, Dr. A. A. L.	24-7-1884	Lid Raad van State	Wassenaar	Hertelaan 3	Scho 8-7-1941	17-12-1942
Ruyg, C. A. W.	4-11-1896	Vertegenwoordiger	Arnhem	Groenmarkt-kade 12-II	4-5-1942	20-12-1943
Ruys de Beerenbrouck, Jhr. Mr. G. A. M. J.	3-8-1904	Lid ze Kamer	Holtum-Born(L)		4-5-1942	20-12-1943
Rijkevorsel, Jhr. J. J. M. A. v.	6-10-1887	Chef Adm. N.V. B.B.A. Breda	Breda	Ginnekenweg 37	4-5-1942	19-4-1943
Rijkers, Mr. L.	12-10-1898	Bankier	Amsterdam	Apollolaan 174	4-5-1942	21-8-1942
Rijkse, Mr. A. A. J.	1-3-1894	Advocaat	Gouda	Crabethstr. 43	4-5-1942	20-12-1943
Rijn, M. van	7-5-1901	Exporteur	's-Gravenzande	Langestraat	4-5-1942	4-6-1942
Sandberg tot Essenburg, Jhr. Mr. W. C.	2-6-1908	Burgemeester	Krabbendijke(Z)	Dorpsstraat A 171	11-1-1944	Amf 20-9-1944
Sande, I. van de	10-8-1887	Uitgever	Terneuzen	Noordstraat	4-5-1942	16-9-1942
Sande, H. J. van de	28-1-1899	Fabrikant	Breskens	Sluisplein 33	13-8-1942	7-4-1943
Sanders, Mr. M. G.	10-4-1886	Hotelier	Sluis	Kade 44	4-5-1942	19-4-1943
Sanders, Mr. P.	21-9-1912	Advocaat	Schiedam	Julianalaan 24	4-5-1942	20-12-1943
Sassen, Mr. E. M. J. A.	8-9-1911	Lid. Ged. St. Noord-Breb.	Vught	v. Heurnlaan 2	4-5-1942	20-12-1943
Sassen, Prof. Dr. F. L. R.	15-8-1894	Direct.-Gener. Onderwijs	's-Gravenhage	Toussaintkade 43	4-5-1942	12-5-1942
Sassen, Ir. N. C. L. H. F.	23-6-1905	Dir.-Gew. Arb.bureau Breda	Breda	Burg. de Manlaan 9	Ha 13-7-1942	20-12-1943
Schaap, Jz. J.	6-3-1903	Vischhandelaar	Huizen	Visscherstraat 9	Ha 13-7-1942	5-6-1943
Schaar, H. van der	23-11-1882	Bouwkundige	Amsterdam	J. W. Brouwerpl. 15hs	Ha 13-7-1942	17-12-1942
Schaaberg, P.	22-5-1897	Notaris	Amsterdam	Warande 125	Ha 13-7-1942	20-12-1943
Schaik, F. M. A. van	14-4-1891	Adj. Onderofficier	Doesburg	Veerpoortwal 10	4-5-1942	13-5-1943
Schamhart, J. D.	11-5-1888	Directeur	Heemstede	Lankhorstlaan 67	4-5-1942	15-12-1942
Scheffer, J. G.	14-6-1894	Dir. Inc.bank, kant. Enschede	Enschede	„Het Wooldrik”	4-5-1942	20-12-1943
Scheidelaar, Mr. H. J. A.	9-5-1890	Advocaat, Wethouder	Tilburg	Spoorlaan 30	Ha 13-7-1942	22-4-1944
Scheltena Beduin, Mr. P.	10-1-1904	Advocaat	Amsterdam	Vondelstraat 3	4-5-1942	18-6-1943
Schenkel, A. P. H.	17-12-1894	Vertegenw. Beijer	Amsterdam	F. C. Dondersstr. 34	4-5-1942	7-6-1942
Schermerhorn, Prof. Ir. W.	31-5-1913	Hoogleraar	Delft	Kanaalweg 5	4-5-1942	20-12-1943
Scheijden, J. M. H.	15-9-1892	R.K. Priester	Valkenb.Houthem	Cauberg 311	Ha 13-7-1942	20-12-1943
Schilder, B.	23-4-1884	Advoc. en buit.gew. Hoogl.	Rotterdam	Statenweg 108a	4-5-1942	17-12-1942
Schilthuis, Mr. G. J. C.	21-12-1913	(gefus. 15-8-1942)	Rotterdam	Kralingsche Plaslaan 12	4-5-1942	18-12-1942
†Schimmelpenninck van der Oye A. baron			Schuddebeurs bij Zierikzee		14-8-1942	†15-8-1942
Schipper, H. C.	24-2-1895	Techn. vertegenw.	's-Gravenhage	Wijkschelaan 12	Ha 16-8-1942	17-8-1943
Schipper, J.	3-2-1890	Secr. Chr. Nat. Vakverbond	Utrecht	Merwekade 233	4-5-1942	18-12-1942
Schippers, J. A.	22-9-1889	Bankdirecteur	Haarlem	Loxtenplein 31	13-8-1942	8-9-1942
Schippers, N. C.	17-7-1896	Ass.-Dir. B.P.M.	Wassenaar	van Bommellaan 4	Ha 13-7-1942	19-4-1943
Schlimmer, J. W.	28-12-1885	Dir. Born.-Sum. Handel-Mij.	Ede	Landgoed „de Valouwe”	6-10-1942	19-4-1943
Schluper, J. W. H.	24-1-1894	Verw. Techniker	Vaals	v. Clermontplein 26	Ha 13-7-1942	20-12-1943
†Schnebbelié, C. A. S. P.	6-6-1889	Comm. v. Politie (overleden)	Venlo	van Cleefstraat 24	Ha 13-7-1942	19-4-1943
Schnitzler, C. A.			Wassenaar	Sophialaan 8	4-5-1942	19-5-1942

Fonte: SEMINARIUM BEEKVLIET, 1946.

Diferentemente dos conhecidos campos de concentração e extermínio criados sob o regime nazista, *Beekvliet* seria mais corretamente descrito como um campo de reféns. Os que ficaram ali aprisionados não poderiam ser comparados a prisioneiros comuns, visto que, em geral, faziam parte das elites que compunham o povo neerlandês, e foram, portanto, tratados como um grupo de garantia. Como indica Verzandvoort:

Enquanto a população holandesa se comportasse de maneira organizada e cooperativa, os reféns não seriam feridos. Se não fosse esse o caso, um ou mais deles seriam executados sem cerimônia. Os reféns eram tratados como uma espécie de "reserva de represália"¹⁰¹.

À vista disso, não demorou muito para que ocorressem execuções. A primeira ocorreu em 15 de agosto de 1942, em represália a uma ação de sabotagem da

¹⁰⁰ Nesta imagem é possível verificar o nome de Willem Schermerhorn dentre os reféns presos neste campo.

¹⁰¹ VERZANDVOORT, Erwin. Tybaert de kater en de Nobelprijs! Gijzelaars te Sint-Michielsgestel. **Tiecelijn**: Jaarboek 11 van het Reynaertgenootschap, Sint-Niklaas, v. 31, n. 0, p. 82-88, nov. 2018. Anual. Disponível em: <https://www.reynaertgenootschap.be/tiecelijn/jaarboek-11-tiecelijn/>. Acesso em: 05 jan. 2023, p. 82 (tradução livre do autor).

resistência contra um trem militar em Roterdã, sendo executados cinco reféns do campo de *Beekvliet*. A segunda, em 16 de outubro do mesmo ano, ceifou a vida de outras doze pessoas, dentre as quais três estavam presas neste campo¹⁰². Robert Peereboom, ex-refém do campo de *Beekvliet*, em seu livro de memórias *Gijzelaar in Gestel* (Refém em Sint-Michielsgestel) testemunha:

À medida que a relutância e desprezo do povo persistia e a resistência se tornava mais forte, os nazistas fecharam o cerco. Se alguém cometeu um ataque e você não consegue encontrar o perpetrador, basta capturar outro e atirar nele. Se você quiser dar a esta ação um caráter preventivo, você aprisiona antecipadamente centenas de pessoas, especialmente pessoas “bonitas e honradas”, cuja morte impressionaria, portanto, a muitos. Então você anuncia: assim que a sabotagem for cometida novamente, atiraremos em alguns deles¹⁰³.

Foi sob esta atmosfera de medo que, até o final de 1944, aproximadamente 1700 holandeses foram mantidos como reféns no campo de Sint-Michielsgestel¹⁰⁴. Entretanto, apesar deste difícil cenário, dentro de *Beekvliet* os reféns desfrutavam de ampla liberdade para participar de inúmeras atividades de natureza artística, cultural, esportiva e acadêmica. De fato, a vida cultural dentro deste campo foi tão intensa que foi chamado pelos próprios reféns de *Beekvliet Volksuniversiteit* (Universidade Popular de Beekvliet)¹⁰⁵. Verzandvoort detalha:

muitas atividades foram desenvolvidas no campo — o que não é surpreendente, visto o acúmulo de intelectuais, clérigos, artistas, políticos, etc., que estavam ali presentes. Foram ministrados cursos de geologia, árabe, tecnologia automotiva, sociologia animal, embriologia, história, frísio, resistência dos materiais, etc. Grupos de estudo foram organizados: Grupo Agrário, Grupo de Prefeitos, Grupo Bíblico, Grupo de Jornalistas, Grupo de Arte, etc. Foram organizadas partidas de futebol, como a do time da Câmara dos Deputados contra o da Imprensa. Muitas palestras foram ministradas, por exemplo: 'A toga nos trópicos', 'Experiências com os esquimós da Groenlândia Oriental'. Além disso, peças teatrais também foram realizadas¹⁰⁶.

¹⁰² SCHERMERHORN, 1967; SPIT, *op. cit.*, p. 34.

¹⁰³ PEEREBOOM, Robert. **Gijzelaar in Gestel**. Zwolle: Erven J.J. Tijn, 1945. 147 p., (tradução livre do autor).

¹⁰⁴ VERZANDVOORT, *op. cit.*, p. 82.

¹⁰⁵ SPIT, 2015, p. 34.

¹⁰⁶ VERZANDVOORT, *op. cit.*, p. 83, (tradução livre do autor).

Imagem 6 - Jan Edward de Quay contemplando a pintura de Karel van Veen realizada dentro do campo de *Beekvliet*



Fonte: STICHTING GIJZELAARSKAMPEN SINT-MICHIELSGESTEL (Sint Michielsgestel), 2020.

Em meio a tanta atividade acadêmica e cultural, surgiu um grupo interessado em pensar como deveria se desenvolver a vida política dos Países Baixos depois da guerra. Em especial, o grupo estava interessado em refletir e discutir a respeito da renovação das relações políticas e sociais, como uma forma de superação da “pilarização”. Inicialmente, o Grupo de Estudos Sociológicos fora composto de aproximadamente cinquenta pessoas. Todavia, conforme argumenta Spit, “o grupo era tão grande que nenhum resultado real foi alcançado”¹⁰⁷. Foi necessário que um grupo menor e mais eficaz se reunisse para que as discussões pudessem avançar. Assim, em meados de 1942, logo após a execução de reféns que ocorrera em maio do mesmo ano, foi formado o *Heeren Zeventien*¹⁰⁸ (literalmente, Cavalheiros Dezessete), liderado por Willem Schermerhorn. A relevância política do grupo já era

¹⁰⁷ SPIT, *op. cit.*, p. 36.

¹⁰⁸ O nome foi dado em homenagem ao *Heeren XVII*, grupo que formou o conselho da Companhia Holandesa das Índias Orientais. O movimento de renovação política e social proveniente do grupo também ficou conhecido como *De Geest van Gestel* (Espírito de Gestel), ou tão-somente Gestel (abreviação do nome do município Sint-Michielsgestel).

digna de nota visto que dentre os seus membros se levantaram três primeiros-ministros no pós-guerra: o líder, Willem Schermerhorn, além de Willem Drees e Jan Eduard de Quay¹⁰⁹.

Sobre a composição deste revolucionário grupo, A Fundação Campo de Reféns de Sint-Michielsgestel esclarece:

Você pode descrever *De Heeren Zeventien* como “um grupo composto inicialmente por dezessete pessoas de diferentes partidos políticos ... o qual conduziu discussões completamente confidenciais sobre o futuro da vida política na Holanda, os problemas que provavelmente surgiriam e a atitude a se adotar. O grupo mudou de composição várias vezes”. O seu núcleo sólido consistia em W. Banning, Dr. H. Brugmans, L. Einthoven, Prof. H. Kraemer, Prof. P. Lieftinck, Prof. JHA Logemann, Prof. Dr. J. E. de Quay, sr. E. M. J. A. Sassen, Prof. Dr. W. Schermerhorn. Representantes dos vários partidos políticos fizeram parte, incluindo Banning e van der Goes van Naters (SDAP), Einthoven (Nederlandsche Unie), Wim Schermerhorn (VDB), Struycken (RKSP), Okma (ARP), Lieftinck (CHU), Von Balluseck (Liberale Staatspartij). O historiador Geijl também fez parte do 'De Heeren Zeventien'. A maioria tinha desempenhado apenas um papel menor na política antes da guerra. Eles eram geralmente mais jovens do que os proeminentes líderes da pré-ocupação. Todos eles eram críticos do sistema político pré-guerra. As discussões de 'De Heeren Zeventien' eram confidenciais. O futuro político da Holanda e os problemas esperados foram discutidos¹¹⁰.

Em um belo discurso na ocasião do natal de 1942, Schermerhorn apresenta a essência do grupo, e o espírito da renovação almejada:

Somos um grupo estranho. Como poderia ser de outra forma? Estranhos nos uniram. No entanto, não permanecemos estranhos uns aos outros, e lentamente algo cresce naquilo que o nosso amigo Robert Baelde¹¹¹ uma vez chamou de uma “hospedaria de individualistas”: a vontade de ajudar uns aos outros. “Ajudar a carregar os fardos uns dos outros” é um mote que caracteriza bem parte do nosso trabalho neste campo de reféns. Ao lado desta árvore de natal, poderia eu dizer que continuaremos a ver uns aos outros como companheiros de sofrimento, mesmo que alguém dentre nós seja liberto? Porque ainda então, dificuldades podem surgir na vida dos nossos ex-companheiros de campo que remontam ao seu tempo como refém. Porque então, poderemos provar que a expressão “o que os olhos não veem, o coração não sente” não é verdadeira, mas que a genuína solidariedade cresceu junto da mútua responsabilidade — virtudes que serão

¹⁰⁹ SPIT, *op. cit.*, p. 36.

¹¹⁰ STICHTING GIJZELAARSKAMPEN SINT-MICHIELSGESTEL (Sint Michielsgestel). **Aflevering 14: De Geest van Gestel**, [2020]. Disponível em: <https://www.gijzelaarskampbeekvliet.nl/digitale-expositie/aflevering-14-de-geest-van-gestel/>. Acesso em: 30 jan. 2023 (tradução livre do autor).

¹¹¹ Robert Baledede fora um refém de *Beekvliet* que estava entre aqueles que foram executados semanas antes como represália ao ataque ao trem em Roterdã.

em breve tão necessárias também para o nosso povo; virtudes que, ao menos aqui, não foram meramente uma ideia¹¹².

Enquanto isso em liberdade, Herman Dooyeweerd também pensava numa saída para a crise, enquanto trabalhava em prol da resistência tanto em âmbito familiar, como em sua vida profissional. Para a família Dooyeweerd, os anos da guerra foram anos de crescimento. Tendo se casado em 2 de setembro de 1924 com Jantiena Wilhelmina Fernhout, até o início da guerra Dooyeweerd já possuía seis filhos. Todavia, entre os anos de 1941 e 1946 o casal concebeu ainda outras 3 crianças. Ao mesmo tempo em que crescia, a família participava da resistência contra as medidas do *Reich*. A sua casa em Oranje Nassaulaan abrigou por um tempo uma mulher judia e sua filha, além de servir como refúgio temporário para três jovens que fugiam de ser enviados para trabalhos forçados na Alemanha¹¹³. Todavia, infelizmente dispomos de poucas informações a respeito desses acontecimentos na família Dooyeweerd¹¹⁴.

Similarmente à vida familiar, os anos da guerra foram anos de expansão do trabalho acadêmico de Dooyeweerd, embora vigorosamente desafiadores para ele. Durante os dois primeiros anos da ocupação, a Universidade Livre pôde continuar a funcionar normalmente. Todavia, na primeira metade de 1943, as circunstâncias tornaram a continuidade das aulas impossível, de modo que no dia 12 de abril o reitor da universidade, Dr. Doede Nauta, enviou uma notificação aos estudantes informando a suspensão das atividades acadêmicas. Visto que muitos dos seus alunos haviam sido submetidos a trabalhos forçados na Alemanha, no verão de 1943

¹¹² “Wij zijn een vreemd gezelschap: hoe kan het anders; vreemden brachten ons tezamen. En toch blijven wij niet vreemd voor elkaar en langzaam groeit er toch in hetgeen onze vriend Robert Baelde eens typerend noemde, een pension van individualisten, een wil om elkaar te helpen. Het “helpt elkanders lasten dragen” is een devies, dat past bij een stuk van ons kampwerk. Mag ik het hier bij dezen Kerstboom nog eens zeggen, dat wij elkaar als lotgenoot zullen blijven zien, ook als men ontslagen wordt? Want ook dan kunnen in het leven onzer ex-kampgenooten moeilijkheden ontstaan, die terug te voeren zijn op hun gijzelaarschap. Want dan kunnen wij bewijzen, dat niet geldt het “uit het oog, uit het hart”, maar dat werkelijke solidariteit is gegroeid en de verantwoordelijkheid voor elkaar, die ook verder in ons volk straks zoo noodig zal zijn, hier althans niet alleen maar een frase was”. SCHERMERHORN, Willem. Bij den Kerstboom in “Beekvliet” in 1942. In: SEMINARIUM BEEKVLIET (St. Michielsgestel) (comp.). **Gedenkboek Gijzelaarskamp Beekvliet**. St. Michielsgestel: Koninkl. Ned. Boekdrukkerij H.A.M. Roelants, 1946. p. 114-117, (tradução livre do autor).

¹¹³ VERBURG, *op. cit.*, p. 333.

¹¹⁴ No livro publicado em 2022 *Fields of Orange*, Johanna Francis, uma das filhas de Herman Dooyeweerd, deu mais detalhes de como foi esse período na casa Dooyeweerd. Cf.: FRANCIS, Johanna. **Fields of orange: a true welsh love story**. Talybont: Y Lolfa, 2022.

Dooyeweerd enviou a eles uma carta com o objetivo de encorajá-los em tempos tão difíceis¹¹⁵. Verburg registra algumas das respostas que recebeu:

One of the law students answered his letter on September 11, 1943, stating that Dooyeweerd's letter was for many their very first contact with the Free University since they had left the Netherlands: "...your words of exhortation reminded us of your lectures which gave direction to our studies and the rest of our life, and we will never be unfaithful to these principles." In a letter dated September 18, another student thanked Dooyeweerd for his missive, in particular, because it had brought him for a moment "into the spiritual atmosphere of the University in which I enjoyed the great privilege of being a student". A third student answered on October 24: "If ever, your letter has done us an enormous amount of good and has given us fresh courage. As I read your letter, it was as though I was again attending one of your lectures - the same tone, the same spirit. I can assure you, Professor, that your words in which you exhort us to remain faithful to our beliefs certainly did not pass me by"¹¹⁶.

Ademais, como aponta Verburg, apesar do trabalho de Dooyeweerd ter de ser realizado ora sob a luz de velas, ora sob a luz de um lampião¹¹⁷, é neste período que escreveu o segundo volume da sua obra *Reformation and Scholasticism* (Reforma e Escolasticismo), e trabalhou em prol das palestras que dariam luz à sua *Encyclopedia of the Science of Law* (Enciclopédia da Ciência do Direito)¹¹⁸. Não fora o bastante, ao menos desde 1941, com a publicação do artigo intitulado *De vier religieuze grondthema's in den ontwikkelingsgang van het wijsgeering denken van het Avonland; een bijdrage tot bepaling van de verhouding tusschen theoretische en religieuze dialectiek*¹¹⁹, uma resposta para a patente crise da civilização estava sendo gestada. Para Dooyeweerd, para que uma saída para crise pudesse ser apontada, seria necessário realizar uma profunda análise das suas causas, a fim de identificar os poderes mais básicos que geraram as convulsões quase letais para a

¹¹⁵ *Ibidem*.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ Verburg nos informa que durante a guerra não apenas o combustível, mas também a comida se tornaram escassos para a família Dooyeweerd: "Towards the end, books and galley proofs were read by candle light or a gas lamp. The only heat in the house came from one small stove which was set up in the study. Sometimes the stove was surrounded by a drying rack with freshly laundered diapers which would be hastily removed whenever a student arrived to take a scheduled oral test. Food became equally scarce, especially during the "Hunger Winter" of 1945-45. Fortunately, members of the Free University Association who had farms in the nearby Haarlemmermeerpolder (where Schiphol Airport is located today) were each assigned a professor and his family to supply them with extra food. When all this proved insufficient Mrs. Dooyeweerd would go on a hunger trek and sometimes not return for several days" (VERBURG, *op. cit.*, p. 333).

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 333-334.

¹¹⁹ "Os quatro motivos-base na evolução do pensamento filosófico ocidental: uma contribuição para determinar a relação entre a dialética teórica e a dialética religiosa".

cultura ocidental. Neste esforço de reconhecê-los, Dooyeweerd propôs que quatro motivos-base estão em choque, e exercem influência sobre o todo do desenvolvimento cultural ocidental¹²⁰:

If we are to use a truly critical method when we engage in scholarly investigation of the history of Western Philosophy, it is necessary above all that the four ground-themes I have mentioned be explored in their original sense as well as in their complicated mutual interlacements¹²¹.

É justamente a partir da sua reflexão sobre os motivos-base da cultura ocidental que Dooyeweerd escreverá os seus artigos no jornal *Nieuw Nederland*, a fim de responder à iniciativa política dos herdeiros do grupo *Heeren Zeventien* na superação da “pillarização” e, sobretudo, da antítese cristã no cenário da reconstrução nacional neerlandesa.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 298.

¹²¹ DOOYEWEERD, 1941, apud VERBURG, *op. cit.*, p. 298.

3. O DEBATE EM TORNO DA ANTÍTESE CRISTÃ NA RECONSTRUÇÃO DOS PAÍSES BAIXOS

We are bound together [...] by the responsibility for our whole people in distress, we are bound together by the will for social justice and freedom, we are bound together by the firm intention to make a common new beginning. A breakthrough has been made, there is a new beginning, a new path is opened.

Willem Banning, 1946¹²²

Que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?

2 Coríntios 6.14-16

Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém.

Romanos 1.25

O fim do governo germânico sobre os Países Baixos ocorreu de forma gradual, entre setembro de 1944 e maio de 1945, como fruto do sucesso dos Aliados na reconquista dos territórios ocupados durante a guerra. Todavia, Romijn nota, esses últimos nove meses de guerra foram marcados pela destruição em larga-escala do país já exaurido pela ocupação alemã¹²³. Evidentemente, neste cenário, as discussões com respeito à retomada do poder por parte dos próprios neerlandeses, e os rumos que política e a sociedade deveriam tomar no esforço de reconstrução se fizeram presentes.

A região sul dos Países Baixos foi liberada primeiro. Entretanto, a região norte, local que abriga a maior densidade populacional do país, contando com cidades como Amsterdã, Roterdã e a sede governamental, Haia, ficaram sob controle germânico até maio de 1945¹²⁴. Assim, com o objetivo de restaurar o poder das elites locais, um governo militar provisório fora constituído nas áreas retomadas pelo exército aliado, ficando sob a autoridade do General Dwight D. Eisenhower até

¹²² MOLENDIJK, Arie L.. Willem Banning and the Reform of Socialism in the Netherlands. **Contemporary European History**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 139-154, 22 jan. 2020. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s096077732000003x>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/contemporary-european-history/article/willem-banning-and-the-reform-of-socialism-in-the-netherlands/C9F33AF25E5AD4E3627924256C6F6BE9>. Acesso em: 28 dez. 2022.

¹²³ ROMIJN, Peter. 'Liberators and Patriots': military interim rule and the politics of transition in the Netherlands, 1944-1945. In: HOFFMANN, Stefan-Ludwig; KOTT, Sandrine; ROMIJN, Peter; WIEVIORKA, Olivier. **Seeking Peace in the Wake of War: Europe, 1943-1947**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2015. p. 117-142. (NIOD Studies on War, Holocaust, and Genocide). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt18z4gn8.1>. Acesso em: 30 dez. 2022, p. 119.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 126.

a rendição total do exército alemão¹²⁵. Durante os conturbados nove meses de liberação, personalidades importantes para a política neerlandesa emergiram, dentre as quais é possível ver algumas que compuseram o notável grupo dos *Heeren Zeventien* em *Beekvliet*¹²⁶.

Logo após a liberação¹²⁷, o primeiro-ministro Pieter S. Gerbrandy, eleito em 1940, renunciou, e a rainha Guilhermina “apaixonadamente devotada à ideia de unidade”¹²⁸ e de renovação, interessada num governo de homens que estivessem estado em solo holandês durante a ocupação como líderes da resistência, encarrega Willem Drees e Willem Schermerhorn de formar um novo gabinete, cujas ideias se identificavam muito com aquelas da resistência¹²⁹. Este gabinete permaneceu no poder até a primeira eleição geral do pós-guerra, realizada em junho de 1946. Entrementes, não eram apenas a rainha e os herdeiros de *Beekvliet* que almejavam pela renovação, mas, talvez como um resultado da cooperação na resistência, o desejo por renovação política e social era sentido por uma grande porção da sociedade¹³⁰. Como aponta Blom,

Relieved by the liberation, a wide segment of the population enthusiastically committed themselves to the renewal of society. They sought not only to rebuild the wrecked infrastructure, but also to construct a better social and political edifice. This commitment to renewal, partly based on the conviction that prewar Dutch society had suffered from serious flaws, had several faces¹³¹.

Esse mesmo espírito de reconstrução e renovação significou, para muitos, a busca pela superação da sociedade *pilarizada*¹³². Por isso, o mês de maio de 1945 não apenas viu o fim dos nove meses de liberação dos Países Baixos, mas também

¹²⁵ *Ibidem*, p. 120.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 131.

¹²⁷ Para conferir mais sobre o processo de liberação e de transição governamental dos Países Baixos no fim da Segunda Guerra Mundial, conferir: ROMIJN, Peter. 'Liberators and Patriots': military interim rule and the politics of transition in the netherlands, 1944-1945. In: HOFFMANN, Stefan-Ludwig; KOTT, Sandrine; ROMIJN, Peter; WIEVIORKA, Olivier. **Seeking Peace in the Wake of War: europe, 1943-1947**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2015. p. 117-142. (NIOD Studies on War, Holocaust, and Genocide). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt18z4gn8.1>. Acesso em: 30 dez. 2022.

¹²⁸ GEYL, *op. cit.*, , p. 222.

¹²⁹ GEYL, 1964, p. 222; LAIDLER, 2007, p. 799; ROMIJN, 2015, p. 132-133; STICHTING GIJZELAARSKAMPEN SINT-MICHIELSGESTEL, [2020].

¹³⁰ ARBLASTER, 2018, p. 231-232; BLOM, 2006, n.p.

¹³¹ BLOM, *op. cit.*, n.p.

¹³² ARBLASTER, *op. cit.*, p. 231-232.

a fundação do Movimento Popular Holandês¹³³ (*Nederlandse Volkswebeging*), dando expressão a esse anseio.

¹³³ O nome "*Nederlandse Volkswebeging*" foi traduzido para o português na primeira edição da obra "Raízes da Cultura Ocidental" de Herman Dooyeweerd por "Movimento Nacional Holandês". A despeito da edição brasileira, ao trazer o nome "Movimento Popular Holandês", sigo a linha de tradução dos autores de língua inglesa, nos quais *volk* assume identificação maior com o sentido de "povo" do que com o "nação".

Imagem 7 - O manifesto do Movimento Popular Holandês



OPROEP

van de Nederlandse Volksbeweging

I. De Nederlandse Volksbeweging (N.V.B.) gaat uit van de overtuiging :

dat de tweede wereldoorlog voor alle volkeren de afsluiting betekent van een oud tijdperk der wereldgeschiedenis, tevens het begin van een nieuwe periode : economisch, sociaal, politiek en geestelijk is de wereld grondig veranderd en stelt zij aan enkeling en gemeenschap nieuwe eisen ;

dat ons Nederlandse volk, zowel voor de arbeid aan eigen nationale gemeenschap als voor het behouden van een waardige plaats in de rij der volkeren, bovenal nodig heeft een geestelijke vernieuwing, gevoed uit de levende bronnen van Christendom en Humanisme, die steeds onze volkskracht hebben gestempeld ;

dat fundamenteel in deze vernieuwingswil behoort te zijn de eerbied en verantwoordelijkheid voor den mens, die slechts in dienst aan een hechte, rechtvaardige en bezielde gemeenschap tot ontplooiing komt (personalistisch socialisme);

dat alle gebieden van het menselijk leven gebonden zijn aan volstrekte normen als barmhartigheid, gerechtigheid, waarheid en naastenliefde, die naar het Evangelie in Gods wil gegrond zijn, maar ook in andere dan Christelijke overtuiging worden gegrond - waaruit volgt een onvoorwaardelijke verwerping van volk, staat, ras en klasse als hoogste goed in de samenleving, evenals alle geestelijke dwang als middel tot gemeenschapsvorming.

II. De Nederlandse Volksbeweging roept thans op

tot GEMEENSCHAPPELIJKE arbeid aan de noodzakelijke radicale vernieuwing van ons volksleven - economisch, sociaal, politiek, geestelijk -

ALLE NEDERLANDERS,

die - al of niet georganiseerd in politieke partijen - in personalistische geest, gericht op de verwerkelijking van een vernieuwd socialisme, ons volk sterk willen maken voor de geweldig zware taak van dit historisch tijdvak, welke arbeid zich richt op :

ontplooiing van de menselijke persoonlijkheid, vernieuwing en beleving van het gezinsleven,

verheffing van de arbeid in een geordend sociaal-economisch bestel, versterking van de nationale gemeenschap, vernieuwing van de staatsgedachte, hervorming van de democratie in personalistische geest, volkszeggenschap in de organisaties van bedrijfs- en cultureel leven, opbouw van een nieuwe gemeenschap met de overzeese gebieden, actieve buitenlandse politiek, mede als bijdrage tot de vestiging van een internationale rechtsorde.

Zij roept ons volk op tot **bereidheid in het brengen van offers, bereidheid in het dragen van verantwoordelijkheid, trouw aan Oranje, symbool der nationale eenheid, hoofd der constitutionele monarchie en belichaming van de wil tot zelfstandigheid van het gehele Nederlandse Gemeenbest.**

III. De Nederlandse Volksbeweging is in het bijzonder van oordeel :

dat de herwonnen vrijheid, waarvoor tallozen in de ongelijke strijd tegen den tyranniek overwelder hun leven lieten, ons de dure plicht oplegt, om te tonen, dat wij haar en het offer van wie stredden, leden en vielen, waard zijn ;

dat de grootst mogelijke eendracht der verschillende godsdienstige en politieke richtingen thans geboden is, om de schrijnende nood te lenigen, de verwoestingen te herstellen, alle corruptie te bannen, het arbeidsproces weer op gang te brengen, en vooral het overheidsgezag op nieuw vertrouwen te grondvesten ;

dat gerechtigheid moet worden betracht, niet alleen bij het bestraffen van verraders en collaborateurs, maar bovenal bij het leggen van de grondslagen voor nieuwe economische en sociale verhoudingen ;

dat het politieke partij-leven in ons volk zich langs andere scheidslijnen dan voor 1940 zal moeten bewegen, dat met name de Christelijke antithese en de klassenstrijd voor de oplossing der maatschappelijke vraagstukken van heden geen vruchtbare beginselen meer zijn, dat een periode van vrije discussie dringend noodzakelijk is, opdat de geestelijke vernieuwing zich ook op politiek gebied zal kunnen openbaren.

Mr. F. J. H. Bachg
Dr. W. Banning
Dr. C. Beekenkamp
Dr. P. J. Bouman
Dr. H. Brugmans
Ds. J. J. Buskes Jr.
Jb. Buijs
Ir. B. van Dam
Mr. L. Einthoven
Dr. E. Emmen

Mr. Ir. B. W. Haveman
Pieter 't Hoen (F. J. Goedhart)
Prof. Dr. H. Kraemer
H. Korte Jr.
Klaas Leyenaar
Prof. Mr. W. Pompe
Prof. Dr. J. E. de Quay
Geert Ruygers
Mr. E. Sassen
Prof. Ir. W. Schermerhorn

Mr. L. Schlichting
P. J. Schmidt
Mr. J. J. Schokking
J. G. Suurhoff
Dr. Ir. F. P. A. Tellegen
Wim Thomassen
Mr. W. Verkade
Hilda Verwey-Jonker
Mr. G. E. van Walsum
Ir. F. Wyffels Mei 1945

Het hoofdkantoor van de Nederlandse Volksbeweging is voorlopig gevestigd KEIZERSGRACHT 452 TE AMSTERDAM (C.)
Aanmeldingen voor het lidmaatschap kunnen aldaar en bij de weldra te publiceren plaatselijke kantoren, geschieden. De minimum-contributie bedraagt 10 cent per week.

Zodra de verbandingen enigermate zijn hersteld, zal een tweede uitvoeriger lijst gepubliceerd worden met de namen van hen, die met het initiatief tot stichting van de Nederlandse Volksbeweging instemmen

Drukkerij Hamhorst, Wormerveer - Telef. 81603

Fonte: BACHG et al., 1945.

Armado com um manifesto, resumo do programa que seria publicado em setembro, subscrito por vários dos principais nomes da política holandesa de distintos partidos¹³⁴ em um congresso em vinte e quatro de maio, o NVB

¹³⁴ De Jong dá um panorama da composição do grupo inicial de signatários, cf. DE JONG, Louis. **Het koninkrijk der nederlanden in de Tweede Wereldoorlog**. Vol. 12. 'S-Gravenhage: Sdu, 1988. 648 p.

(*Nederlandse Volkswebeging*) propunha a superação da antítese cristã e do conceito da luta de classes, em favor da síntese entre o cristianismo e o humanismo, como as duas “nascentes espirituais” da sociedade holandesa. O objetivo era formular, como aponta Bosmans, um sistema baseado “no espírito comunitário e voltado para a unidade popular [...] que remediasse os males do estado liberal”¹³⁵. Assim se lê um excerto do manifesto do NVB na introdução da 1ª edição brasileira de *Raízes da Cultura Ocidental*, de Herman Dooyeweerd:

A Segunda Grande Guerra significa o fim de uma era e o início de outra para todas as nações. Economicamente, socialmente, politicamente e espiritualmente, o mundo mudou de modo profundo e confronta o indivíduo e a comunidade com novas exigências.

Para promover a sua própria comunidade nacional e para manter um lugar digno entre as nações, o povo dos Países Baixos precisa, acima de tudo, de uma renovação espiritual alimentada pelas nascentes do cristianismo e do humanismo, que sempre foram nossas fontes de força.

De fundamental importância para esse esforço de renovação devem ser o respeito e a responsabilidade para com o homem, os quais só podem vicejar se estiverem a serviço de uma comunidade forte, justa e inspirada (socialismo personalista).

Cada setor da vida humana está vinculado a normas absolutas, como a caridade, a justiça, a verdade e o amor ao próximo. De acordo com o evangelho, essas normas estão arraigadas na vontade de Deus. No entanto, elas também se baseiam em outras convicções que não as cristãs. Disso resulta uma rejeição incondicional à nação, ao Estado, à raça ou classe social como valores supremos, e, do mesmo modo, rejeita-se toda e qualquer coerção espiritual como instrumento de formação da comunidade [...].

Neste momento, o maior consenso possível entre os vários grupos religiosos e políticos é necessário, para que aliviemos nossas necessidades prementes, para que reparemos o que foi destruído, para que acabemos com a corrupção, para que recoloquemos a produção em marcha, e, especialmente, para que renovemos nossa confiança nas autoridades governamentais [...]

A nossa vida política nacional deve se mover por linhas de divisão que são diferentes das anteriores a 1940. Especificamente, a antítese cristã e a luta de classes postulada pelo marxismo já não são princípios úteis para a solução dos problemas sociais de hoje [...]

É necessário, urgentemente, um período de discussão aberta, de modo que a renovação espiritual se torne visível também no terreno político¹³⁶.

Disponível em: http://loe.niod.knaw.nl/grijswaarden/De-Jong_Koninkrijk_deel-12_eerste-helft_zw.pdf. Acesso em: 02 maio 2023. p. 188-190.

¹³⁵ BOSMANS, Jacques Louis Joseph. J. Bank, Opkomst en ondergang van de Nederlandse Volksbeweging (NVB). *Bmgn - Low Countries Historical Review*, [S.L.], v. 95, n. 2, p. 415-418, 1 jan. 1980. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18352/bmgn-lchr.2176>. Acesso em: 04 jan. 2023, p. 415 (tradução livre do autor).

¹³⁶ DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 256 p. Tradução de: Afonso Teixeira Filho, p. 13-14.

Sobre a distinta composição do grupo e suas ideias, aponta Bosmans:

[No NVB] havia um excelente ideólogo no social-democrata, Banning, e um fervoroso propagandista no liberal-democrata, Schermerhorn. Este grupo lançou as bases do NVB conectando a tradição cristã, o socialismo e – já realizado na União Holandesa – ideias de unidade popular. A fórmula mágica era o “personalismo”, [...] e depois se tornou cada vez mais associado ao “socialismo”¹³⁷.

O personalismo associado ao socialismo é chamado pelo documento de “socialismo personalista” (*personalistisch socialisme*), cuja articulação pode ser atribuída em grande parte a Willem Banning. Também aprisionado no campo de reféns de Sint Michielsgestel, Banning participou das discussões a respeito do futuro dos Países Baixos¹³⁸. Ali, foi capaz de desenvolver o seu socialismo personalista¹³⁹, crendo que este seria particularmente útil para superar as diferenças ideológicas entre os distintos partidos.

Para Banning, o socialismo precisava de uma “renovação espiritual”. Era necessário transcender o marxismo, visto que as suas pressuposições otimistas e racionalistas já não eram válidas. Somado a isso, para o ideólogo, faltava ao marxismo o reconhecimento do papel da moral e dos valores dentro de sua doutrina¹⁴⁰:

From an economic perspective, Banning considered Marxism to be one-sided, and from a philosophical point of view, it denied the constitutive element of value formation. Moreover, it did not do justice to the tragic aspect of human life. While the economic base remained important, Banning insisted that it did not drive the course of history by itself: ideals and values also mattered. Furthermore, the old proletarian worldview was too intimately connected with class resentment to be of any real use. Moral resources were needed, as well as an awareness of the togetherness of all human beings and a faith in transpersonal values, fundamentally religious phenomena according to Banning¹⁴¹.

¹³⁷ BOSMANS, *op. cit.*, p. 416 (tradução livre do autor).

¹³⁸ MOLENDIJK, *op. cit.*, p. 144.

¹³⁹ Visto que o termo “personalismo” é multifacetado, encontrando muitas e diferentes raízes da história intelectual europeia, Molendijk argumenta que o personalismo francês, associado ao jornal francês L’Esprit e a obra de Emmanuel Mounier, e o personalismo suíço, encontrado na obra de Denis Rougemont, pouco influenciaram o pensamento de Banning.

¹⁴⁰ MOLENDIJK, *op. cit.*, p. 145-146.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 145.

Assim, em seu livro *O Dia do Amanhã*¹⁴² (*De Dag van Morgen*), escrito durante a guerra e publicado em 1945, Banning propôs uma forma religiosa de socialismo personalista, realçando o papel do cristianismo para superar “as crises do capitalismo e do fascismo”¹⁴³:

The moral fight against atomisation and alienation was inspired by his belief in a God who had sacrificed himself to save the world. Thus, Banning outlined a spiritual renewal that was centred on the human person who is held responsible for justice and who must practise love of one’s neighbour¹⁴⁴.

Em um discurso de abertura do Partido Trabalhista holandês (*Partij van de Arbeid*, o PvdA), herdeiro do antigo e socialista Partido Social-Democrata dos Trabalhadores (*Sociaal-Democratische Arbeiderspartij*, o SDAP), em nove de fevereiro de 1946, argumentou que não restava no PvdA nenhuma antítese, senão aquela que diz respeito à essência do socialismo, i.e., “a oposição ao capitalismo e à ditadura”¹⁴⁵. Por isso, devido à síntese teórica realizada por Banning entre o cristianismo e o humanismo, foi possível apelar ao todo da sociedade holandesa em busca de unidade e superação das antigas antíteses que dividiam a nação. Todavia, apesar de não termos nenhum comentário de Dooyeweerd sobre o discurso de Banning, sabemos pela resposta que ele daria ao NVB que o grande problema estava no fato de que, enquanto preocupado por preservar a antítese essencial do socialismo, Banning não prestava o mesmo cuidado com o cristianismo, submetendo-o à síntese, e destruindo, portanto, a sua integridade. O ideólogo, contudo, não parecia capaz de perceber isto, pois como nota o professor A. Molendijk, a sua preocupação principal dizia respeito à integralidade da mensagem cristã:

Banning had practical objections against the pillarised system: a lot of money was wasted for instance in subsidising separate Protestant, Catholic and Socialist organizations. His principal objection, however, was that the system went against the Christian message, because of the identification of belief with a particular power system. In this respect Banning remained a liberal socialist Protestant, who tried to overcome confessional differences and strived for an integrated Protestant church in the Netherlands¹⁴⁶.

¹⁴² Tradução livre do autor.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 148.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 149.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 151.

Schermerhorn, por sua vez, em entrevista dada ao jornal *De Volkskrant* em 1967, testemunha que a criação do NVB já havia sido planejada e decidida pelo grupo de Sint-Michielsgestel. Nesta ocasião, ele esclarece que a definição de personalismo apontava para o homem colocado debaixo da responsabilidade de servir uma comunidade forte, justa e inspirada, e que somente ali, ele seria capaz de desenvolver a sua personalidade¹⁴⁷. E expandiu o pensamento, apontando que essa comunidade seria assim definida:

Uma ordem moral de vida de seres humanos responsáveis; uma sociedade organizada de modo funcional, na qual cada pessoa adquire uma parcela justa na prosperidade comum, com oportunidades de desenvolvimento social iguais para todos; uma ordem legal do trabalho não dominada pela posse do capital, mas guiada pela cooperação de todos os grupos envolvidos no processo de trabalho e voltada para o bem-estar público. Nós chamamos isto de uma comunidade socialista.

Ao enfatizar uma ordem moral de vida, uma ordem legal do trabalho, etc., tentou-se dar a este tipo de socialismo seu próprio conteúdo, de modo que se pudesse falar de um socialismo renovado. Isso foi marcado pelo termo socialismo personalista, o qual expressa simultaneamente pensamentos espirituais, sociais e políticos práticos¹⁴⁸.

Segundo aponta, tese essencial defendida pelo NVB, e representada especialmente por Banning, era a de que os problemas políticos não devem ser encarados como um fim em si mesmo, mas são resultados de causas “mais profundas de natureza espiritual”¹⁴⁹. O socialismo, por isso, deveria beber dos valores e da moral cristã, na busca por sua renovação. Para alcançar os seus fins o NVB não se constituiria em um partido político, visto que isto entraria em choque com a opinião de vários dos apoiadores e signatários do programa de reconstrução. A função do NVB deveria ser mais geral, seria um “movimento espiritual-cultural agindo sobre os partidos existentes”¹⁵⁰.

Por fim, De Jong discorre sobre a relação do grupo com a Igreja Reformada Holandesa (*Nederlandse Hervormde Kerk*), apontando para um diálogo existente

¹⁴⁷ SCHERMERHORN, Willem. Gijzelaars ontwierpen plan voor een nieuw Nederland. *De Volkskrant*. Amsterdam, p. 25-25. 06 maio 1967. Disponível em: <https://resolver.kb.nl/resolve?urn=ABCDDD:010849109:mpeg21:a0389>. Acesso em: 27 jan. 2023 (tradução livre do autor).

¹⁴⁸ *Ibidem*.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ DE JONG, *op. cit.*, p. 191-192.

entre os grupos e o apoio que esta prestou para aquele¹⁵¹. Apesar de Dooyeweerd argumentar em favor de um diálogo que transcenderia as barreiras impostas pelos pilares, é possível que a relação entre os dois grupos tenha conferido um caráter de urgência e necessidade à resposta de Dooyeweerd.

Por isso, ainda em 1945, uma nova voz se fez ouvir no debate através das publicações do novo semanário cultural e social cristão Nova Holanda (*Nieuw Nederland*). Em seu primeiro editorial, publicado em 31 de agosto, Herman Dooyeweerd, seu editor-chefe¹⁵², esclareceu que “o semanário nascera da urgente necessidade de ‘informação fundamentada e orientação para o nosso povo’ enquanto enfrentavam os graves problemas de uma nova era”¹⁵³. Como nota Verburg, ali Dooyeweerd argumentou que a destruição dos partidos políticos e das organizações cristãs levada a efeito pelos alemães durante a ocupação possuía caráter tirânico, mesmo que algumas pessoas tenham começado a se acostumar com o desaparecimento das antigas linhas divisórias demarcadas pela antítese. Similarmente, argumentou que tal tentativa de eliminação da antítese religiosa era somente superficial, e portanto, não seria capaz de gerar uma genuína unidade nacional¹⁵⁴. Neste sentido, portanto,

The new periodical would be dedicated to the goal of shedding light in the areas of culture, scholarship, art, the state, and society, independent of the political parties, social organizations and church denominations that had existed in the Netherlands before the war¹⁵⁵.

Entretanto, apesar de antitética, a postura de Dooyeweerd não consistia numa atitude de isolamento dentro do próprio pensamento ou mesmo dentro do próprio pilar. Pelo contrário, desde o princípio, o autor procurou dialogar com toda a sociedade neerlandesa a fim de buscar a adequada renovação para a reconstrução dos Países Baixos. Como Verburg registra, ele conclui o primeiro editorial do semanário com essas palavras:

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 188-190.

¹⁵² Em nota, Verburg informa que, além de Dooyeweerd, o semanário também contava com publicações de Johan Herman Bavinck, F. B. Jonker, Johan P. A. Mekkes, J. Plet, C. Rijnsdorp, W. Sleumer Tzn, H. M. H. A. van der Valk, J. G. Woeldering, somadas à presença tardia de F. C. Gerretson, cf. VERBURG, 2015, p. 337.

¹⁵³ VERBURG, *op. cit.*, p. 337 (tradução livre do autor).

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 337-338.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 338.

The antithesis, when properly understood, means a missional task, not isolation with blinds covering the windows. We are entering a new era, a new world, and a new Netherlands. May God grant that they will bring genuine spiritual profit to our nation, which has passed through such deep darkness¹⁵⁶.

Deste modo, entre 1945 e 1948, enquanto permaneceu à frente do semanário, Dooyeweerd se dedicou à escrita de dezenas de artigos de caráter não-acadêmico sobre diversos assuntos¹⁵⁷ relativos à cultura e à sociedade neerlandesa, tendo como um dos seus principais objetivos fornecer uma resposta ao NVB¹⁵⁸. No entanto, seus artigos também nos proporcionaram uma excelente demonstração da vívida aplicação de sua crítica do pensamento teórico, ao identificar os motivos religiosos em ação na construção do Ocidente.

Conforme observamos no primeiro capítulo, o coração da filosofia de Dooyeweerd está localizado na sua crítica da pretensa autonomia do pensamento teórico. Reconhecendo que o pensamento teórico não é autônomo, mas é sempre informado por um conjunto de pressuposições de natureza religiosa, para que um debate fosse eficaz, e não fosse diluído em superficialidades que não conseguem desvelar a verdadeira posição daqueles que pretendem dialogar, seria necessário que “ambos os lados [procurassem] penetrar na raiz de suas diferenças”¹⁵⁹. Para Dooyeweerd, isso significava trazer à luz os “pontos de partida”, em especial, aquele elemento religioso que dirige o pensamento teórico. Por isso, para que um diálogo autêntico pudesse ser realizado, Dooyeweerd nos chama a realizar um “autoexame”:

a "renovação espiritual" tornou-se uma palavra de ordem para o período do pós-guerra. Nós a adotaremos prontamente. Para agir com seriedade, no entanto, não podemos nos contentar com a *superficialidade*, mas procurar a

¹⁵⁶ DOOYEWEERD, 1945, apud VERBURG, *op. cit.*, p. 337.

¹⁵⁷ Segundo Verburg, em seus artigos para o *Nieuw Nederland*, “he discussed such topics as the antithesis, the religious ground-motives of philosophy; the public-legal organization of business and industry, sphere-sovereignty, and the functioning of the Supreme Court of the Netherlands during the Nazi occupation” (VERBURG, *op. cit.*, p. 338)

¹⁵⁸ Uma década mais tarde, em 1959, a maior parte dos artigos foi reunida e publicada por J. A. Oosterhoff sob o título *Vernieuwing en Bezinning om het reformatorisch grondmotief* (Renovação e reflexão sobre o motivo básico reformador). Em 1979 foi publicada a primeira tradução para o inglês, com um novo título que trazia clareza para o conteúdo do livro: *Roots of western culture: pagan, secular, and Christian options*. Nesta edição, conforme aponta D. F. M. Strauss no preâmbulo da publicação brasileira, uma longa sessão que discutia a natureza das organizações comerciais modernas foi omitida. Por fim, em 2015, a tradução para o português foi publicada tendo como base a edição inglesa, sob o título “Raízes da cultura ocidental: as alternativas pagã, secular e cristã”, sendo esta a edição utilizada no presente trabalho, cf. DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da cultura ocidental**: as opções pagã, secular e cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 256 p. Tradução de: Afonso Teixeira Filho.

¹⁵⁹ DOOYEWEERD, 2015, p. 17.

renovação *a fundo*. Para que o "diálogo" do pós-guerra possa contribuir para a renovação espiritual da nossa nação, ele deve penetrar nessa dimensão profunda da vida humana *onde uma pessoa não pode mais fugir de si mesma*. É precisamente aí que devemos chegar para desmascarar as diversas visões sobre a importância e o alcance da antítese. Apenas quando as pessoas não tiverem mais nada que esconder de si próprias e dos seus semelhantes na discussão é que o caminho para um diálogo que procure mais convidar do que repelir se abrirá. [...] *Esse é o caminho do autoexame e não o caminho da pesquisa teórica abstrata*¹⁶⁰.

O exercício do autoexame, portanto, nos leva a explicitar quais são os pontos de partida do pensamento teórico, e portanto, o sentido, o caráter, o escopo e a inevitabilidade da antítese cristã seriam desvelados. Entretanto, no que consiste, para Dooyeweerd, a antítese cristã?

A primeira distinção fundamental para que a possamos compreender é que a antítese cristã possui caráter religioso, e portanto, absoluto. Diferentemente das antíteses teóricas, a antítese cristã, para Dooyeweerd, não é passível de síntese. Como isso funciona, segundo o autor? Dooyeweerd argumenta que alguns teóricos provenientes de círculos hegelianos, que poderiam ter alguma influência sobre o grupo do NVB, poderiam pensar que o pensamento dialético seria capaz de eliminar toda e qualquer antítese, incluindo a oposição entre o cristianismo e o humanismo. Todavia, isso é um engano, pois não reconhece a diferença entre a antítese teórica e a antítese religiosa.

Dooyeweerd revela que o método dialético pressupõe que “os opostos, que o método traduz em uma unidade mais elevada [i.e., a síntese], são, de fato, *relativos* e não *absolutos*”¹⁶¹. Para o autor, o método é legítimo se, “fazendo uso dos recursos de contraste lógico, buscar síntese mais elevada dos opostos *relativos*”. Portanto, “quando usado corretamente, o método revela que nada na vida temporal é absoluto”¹⁶². Entretanto, a antítese religiosa possui caráter completamente distinto, não podendo ser sintetizada, visto que “é precisamente pelo fato de que essas posturas [o cristianismo e o humanismo] são religiosas que elas se elevam acima da esfera do relativo”¹⁶³. Ele esclarece:

a própria filosofia necessita de um ponto de partida absoluto. E esse ponto advém exclusivamente da religião. A religião dá estabilidade e alicerce até

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 19.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶² *Ibidem*.

¹⁶³ *Ibidem*.

mesmo ao pensamento teórico. Os que pensam que podem encontrar um ponto de partida absoluto no pensamento teórico chegam a essa conclusão por meio de um impulso essencialmente religioso, mas, por causa da falta de um verdadeiro conhecimento de si próprios, permanecem sem consciência da sua própria motivação religiosa. O absoluto tem direito a existir apenas na religião. Assim, um ponto de partida verdadeiramente religioso ou reivindica ser absoluto ou extingue-se. Nunca é meramente teórico, pois a teoria sempre é relativa. O ponto de partida religioso penetra sem dúvida por trás da teoria, o fundamento absoluto, de toda a existência temporal, e, portanto, relativa. Do mesmo modo, a antítese que determina é absoluta¹⁶⁴.

Comentando este aspecto da filosofia de Dooyeweerd, Kalsbeek nota:

Dooyeweerd defende que a significância da antítese espiritual é, de fato, tanto fundamental como universal. E isso também para a filosofia. Pois os motivos mais profundos do coração impelem o pensamento de cada filósofo. A *direção* do pensamento filosófico cresce a partir do coração, em que a antítese se levanta¹⁶⁵.

Para Dooyeweerd, a direção religiosa do coração seria o motor não apenas do pensamento filosófico, mas também da ação científica, ou de qualquer outro ato formativo que o homem exerceria sobre a história. Por isso, o autoexame precisa passar a analisar os pontos de partida religiosos que funcionam como as “forças motrizes mais profundas por detrás de todo o desenvolvimento cultural e espiritual do Ocidente”¹⁶⁶. Esses pontos de partida vão ser chamados por Dooyeweerd de “motivos religiosos básicos”¹⁶⁷ (*religieuze groundmotieven*).

Um motivo religioso, para o autor, não advém da direção religiosa do coração de apenas um indivíduo, mas é sempre determinado por uma comunidade. Como um “motivo *comunal*”, ele “governa o indivíduo, mesmo quando esse indivíduo não está consciente disso, ou quando não o reconhece”¹⁶⁸. Entretanto, os motivos religiosos são sempre revelados “ao longo do tempo em sentimentos, modos de pensar, empreendimentos artísticos, padrões morais, estruturas legais e emanações das crenças religiosas”¹⁶⁹. Como Reichow sintetizou: “Os *motivos-base religiosos*

¹⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁵ KALSBECK, L. **Contornos da Filosofia Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 288 p. Tradução de: Rodolfo Amorim de Souza, p. 41.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 22.

¹⁶⁷ Os termos “motivo-base”, “motivo religioso”, “motivo-base religioso”, “motivo religioso básico”, ou simplesmente “motivo”, são termos utilizados de forma intercambiável pela literatura. Para conferir uma breve discussão sobre o termo, cf. VERBURG, *op. cit.*, p. 299.

¹⁶⁸ *Ibidem*.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

podem ser definidos como direções religiosas coletivas que refletem as crenças fundamentais de uma civilização e cultura”¹⁷⁰.

A antítese espiritual, por sua vez, age sobre o compromisso entre o coração e motivo religioso básico estabelecendo a inextricável oposição entre o Espírito de Deus e o espírito das trevas:

Atuando diretamente no motivo básico religioso está ou o espírito de Deus, ou outro que o nega e se opõe a ele. Cada motivo religioso é uma força espiritual a que as pessoas servem e da qual elas são participantes. É a comunidade espiritual básica que não é controlada pelas pessoas. Em vez disso, ela as controla. Isso porque é especificamente a religião que nos revela quanto dependemos de um poder mais elevado no qual confiamos para encontrar estabilidade e aprender sobre a origem da nossa existência. Nunca encontramos esse poder como senhores, mas apenas como servos. Esses motivos adquirem influência central sobre o desenvolvimento histórico da humanidade via certos poderes culturais, os quais, ao longo dos séculos, sucessivamente obtiveram liderança nos processos históricos¹⁷¹.

Para onde quer que olhemos, a oposição espiritual estará lá. Não como uma ideia abstrata e sem vigor, mas como um princípio atuante em todos os aspectos da vida. Em função disso, “a antítese não é [...] uma linha divisória entre grupos cristãos e não cristãos. É a batalha incessante entre dois princípios espirituais que influenciam o país e, de fato, toda a humanidade”¹⁷², deixando os seus vestígios na economia, política, ciência, cultura e artefatos.

Quais seriam, portanto, os motivos-base que guiaram todo o desenvolvimento da cultura ocidental? Para o autor, seriam quatro os principais motivos-base em ação no Ocidente: 1. O motivo grego clássico da matéria-forma; 2. O motivo cristão da criação-queda-redenção; 3. O motivo escolástico da natureza-graça; e por fim, 4. O motivo moderno da natureza-liberdade. Este último, para Dooyeweerd, estava em declínio e, portanto, dava sinais claros da sua crise através dos eventos históricos que abalaram não apenas o Ocidente, mas todo o mundo¹⁷³.

Sobre os motivos-base, Dooyeweerd esclarece:

¹⁷⁰ REICHOW, Josué Klumb. **Reformai a vossa mente**: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd. Brasília: Monergismo, 2019, p. 99.

¹⁷¹ DOOYEWEERD, 2015, p. 22-23.

¹⁷² *Ibidem*, p. 16.

¹⁷³ É a convicção de que as convulsões históricas experimentadas no século XX foram frutos do motivo-básico moderno em crise que permite ao autor se referir a estes eventos históricos como uma expressão da crise espiritual do Ocidente.

De modo geral, quatro motivos básicos religiosos determinaram esse desenvolvimento. Três deles são internamente dualistas e fragmentários. A discórdia presente neles pressiona a postura da vida contra extremos opostos que não podem resultar numa verdadeira síntese. Chamamos a esses extremos "opostos polares" por serem dois polos espiritualmente "carregados" que colidem dentro de um mesmo motivo básico. Cada um desses polos comporta a semente de uma *dialética religiosa*¹⁷⁴.

Enquanto a antítese teórica admite uma síntese dialética, a antítese religiosa resulta numa dialética religiosa que não pode ser sintetizada, visto que ambos polos da dialética foram absolutizados. Desta maneira, uma tensão se manifesta entre os dois extremos, gerando uma mútua dependência e uma mútua exclusão, i.e., o significado religioso de um polo é definido pelo outro polo, na medida em que também o nega, e vice-versa. Não admitindo síntese, portanto, a tensão "impulsiona o pensamento e a prática da vida de um polo para outro"¹⁷⁵. Sendo assim, Dooyeweerd resume:

Que ninguém tente, portanto, corrigir a dialética religiosa por meio da dialética teórica - método tentado pela escola hegeliana. Essa abordagem é totalmente acrítica de pensamento dialético, porque, na raiz da supervalorização da dialética teórica subjaz uma dialética religiosa que está escondida daquele que pensa. É fato que os dois motivos, num único motivo básico dialético, não são mais do que correlatos na realidade temporal; no entanto, no motivo básico, um em relação ao outro estão em antítese absoluta. O impulso religioso de um espírito idólatra torna ambos absolutos. Essa força religiosa não pode nunca ser controlada ou corrigida pela mera compreensão teórica.

Todavia, antes de verificarmos como tal tensão dialética se manifesta dentro dos motivos-base "apóstatas", direcionemos a nossa atenção para o motivo cristão a fim de compreendermos o seu caráter antitético, o que inclusive revelará a própria dinâmica do desenvolvimento histórico para o autor.

O motivo cristão, muitas vezes referido pelo autor em sua forma mais completa como motivo da "criação, queda e redenção por meio de Jesus Cristo, na comunhão com o Espírito Santo"¹⁷⁶, é o motivo religioso proveniente da revelação de Deus nas Sagradas Escrituras. Apenas o Espírito Santo é capaz de desvelá-lo aos homens, e isto através do seu poder que redireciona os seus corações outrora

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 25.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 27.

¹⁷⁶ Por exemplo, cf. Dooyeweerd, 2015, p. 43.

comprometidos com a negação do Criador e da absolutização da realidade criada, tendo efeito, portanto, sobre “todas as expressões temporais da vida”¹⁷⁷.

Em sua tríade, o motivo criação-queda-redenção não apresenta tensão interna, visto que não surge da absolutização do relativo, mas da revelação do absoluto. Debaixo do motivo da criação, temos a revelação do Deus Criador, “a origem absoluta, completa e integral de todas as coisas”¹⁷⁸. Esta revelação

está inseparavelmente ligada à revelação do que os seres humanos são no seu relacionamento fundamental com o seu Criador. Ao revelar que a humanidade foi criada à imagem de Deus, Deus revelou a humanidade a ela mesma na unidade religiosa radical da existência do homem como criatura¹⁷⁹. Todo o significado do mundo temporal está *integralmente* (ou seja, *completamente*) atado e concentrado nessa unidade¹⁸⁰.

Nesta direção, Dooyeweerd identificava a realidade criada não como possuindo sentido, mas como sendo sentido. Como Spier habilidosamente resume, para Dooyeweerd:

toda criação é caracterizada pelo *fato de que seu modo de existência é sentido*. Isso significa que o sentido, propósito e destinação de toda criatura, grande e pequena, nunca reside dentro de si mesma. Nada que foi criado é autossuficiente [...] seu verdadeiro sentido reside no serviço àquele que é o primeiro e o último e que deve ser louvado por tudo em todos. [...] Quem quer que negue essa subjetividade, isto é, o ser das criaturas estar debaixo da lei de Deus, deificou a criatura e se fez culpado de idolatria¹⁸¹.

A criação deve, portanto, incessantemente se referir para fora de si, apontando para sua origem (*Arché*), manutenção e meta¹⁸². Enquanto criação, argumenta Carvalho, “é ordenada pela vontade do Criador e reflete a sua glória, de modo que, em sua estrutura, há uma ordem de leis, ou *cosmonomia*”¹⁸³. Por isso, o universo não foi criado contendo em si o princípio do pecado. Pelo contrário, antes

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 26.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 43.

¹⁷⁹ Neste ponto, Dooyeweerd reflete a doutrina reformada de que o conhecimento de Deus resulta no conhecimento do homem, e vice-versa. Como expressa o reformador João Calvino na abertura de sua *magnum opus*: “Quase toda a suma de nossa sabedoria, que deve ser considerada a sabedoria verdadeira e sólida, compõe-se de duas partes: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos. Como são unidas entre si por muitos laços, não é fácil discernir qual precede e gera a outra”. CALVINO, João. **A instituição da religião cristã**. Vol. 1. São Paulo: Unesp, 2008. 507 p. Tradução de: Institutio Christianae Religionis, p.37.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 44.

¹⁸¹ SPIER, *op. cit.*, p. 37-38.

¹⁸² KALSBECK, *op. cit.*, p. 72.

¹⁸³ CARVALHO, p. 128 apud. REICHOW, 2019, p. 105.

da queda, “o homem permanecia em uma estreita associação e comunhão de serviço a Deus e ao seu próximo¹⁸⁴”.

O chamado para o serviço se manifesta através do mandato cultural, também chamado de mandato de domínio, o qual se manifesta na responsabilidade do homem, enquanto imagem de Deus, de exercer poder formativo sobre a criação. Deste modo, como explica Kalsbeek, a raça humana deve “desenvolver e fazer frutificar todos os poderes latentes e possibilidades da criação que aguardam sua abertura para a glória de Deus e o bem da humanidade”¹⁸⁵. Para Dooyeweerd, este mandato fornece base para a principal norma de desenvolvimento histórico, a “norma para a abertura ou desvelamento da cultura”¹⁸⁶.

Por sua vez, o segundo ponto da tríade do motivo cristã, a queda no pecado, apresenta “a realidade do mal ou daquilo que causa ruptura e sofrimento na ordem criada”¹⁸⁷. Dooyeweerd define:

na queda de Adão no pecado todo o mundo temporal se apartou de Deus. Esse é o significado da apostasia. A terra foi amaldiçoada por causa da humanidade. Em vez do Espírito Santo, o espírito da apostasia passou a governar a comunidade da humanidade e, com ela, toda a realidade temporal¹⁸⁸.

Por isso, como comenta Kalsbeek, o pecado pode ser definido, segundo Dooyeweerd, como o impulso de autonomia que resulta na idolatria da criação:

Pecar é isto: o homem afastar-se de Deus em desobediência, crendo que pode fazer algo sem ele. Seu coração, anteriormente, fixado no Deus eterno, agora é direcionado a alguém ou a algo na criação — um ídolo, em forma antiga ou moderna — sendo seus relacionamentos com Deus, com os homens e com o mundo, radicalmente corrompidos. A comunhão íntima com Deus significava vida para o homem; o rompimento desta comunhão traz a morte, não biológica ou física, mas espiritual¹⁸⁹.

Visto que, para Dooyeweerd, a realidade criada necessita do ser humano para ser completa em seu sentido, uma vez que o coração humano é aquilo que

¹⁸⁴ KALSBECK, *op. cit.*, p. 56.

¹⁸⁵ *Ibidem*.

¹⁸⁶ Para compreender mais detidamente o processo de desenvolvimento histórico na filosofia de Dooyeweerd, cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 78-105; VAN KLEY, Dale. Dooyeweerd as Historian. In: MARSDEN, George; ROBERTS, Frank (ed.). **A Christian View of History?** Grand Rapids: Eerdmans, 1975. p. 139-180.

¹⁸⁷ REICHOW, *op. cit.*, p. 105.

¹⁸⁸ DOOYEWEERD, 2015, p. 45.

¹⁸⁹ KALSBECK, *op. cit.*, p. 56-57.

transcende a realidade temporal em busca do sentido criacional, a queda afetou a realidade criada radicalmente, i.e., estendeu os seus efeitos por toda a criação¹⁹⁰. Entretanto, a radicalidade da queda não implica num novo princípio de origem absoluto e independente de Deus, visto que, para Dooyeweerd, “o pecado existe apenas numa *falsa relação com Deus* e nunca é, portanto, independente do Criador. Se não houvesse Deus, não poderia haver pecado”¹⁹¹. Do mesmo modo, Dooyeweerd assegura que o pecado não afetou a estrutura da criação, conforme argumenta:

Nem as estruturas dos vários aspectos da realidade, nem as estruturas que determinam a natureza de criaturas concretas, nem os princípios que servem de normas para a ação humana foram alterados pela queda. Uma negação disso leva à conclusão não bíblica de que a queda é tão ampla quanto a criação; ou seja, que a queda destruiu a própria natureza da criação. Isso significaria que o pecado desempenha um papel autodeterminante e autônomo contra Deus, o criador de tudo. Quem mantém essa posição nega a soberania absoluta de Deus e dá a Satanás um poder igual ao da origem de todas as coisas¹⁹².

Por fim, em terceiro lugar, o motivo da redenção proclama o redirecionamento do coração humano caído no pecado, através da ação regeneradora do Espírito Santo, do ídolo para o Deus verdadeiro. Ela resulta da obra de Jesus Cristo, a Palavra divina encarnada, e “não significa o acréscimo de uma graça especial, mas simplesmente, em sua essência, a reconstituição do propósito original de Deus”¹⁹³, portanto, implica numa recriação das relações destruídas pelo pecado. Como explica Dooyeweerd:

A Palavra divina, por meio da qual todas as coisas foram criadas, como lemos no prólogo do Evangelho de João, se fez carne em Jesus Cristo. Adentrou a raiz e as expressões temporais no coração e na vida, na alma e no corpo da natureza humana; e, por essa mesma razão, forneceu uma redenção radical: o renascimento da humanidade e, nela, de todo o mundo temporal criado que encontra na humanidade o seu centro¹⁹⁴.

Essa graça regeneradora especial não é distribuída a todos indistintamente, mas àqueles a quem Deus decidiu se revelar. Estes entram novamente em

¹⁹⁰ DOOYEWEERD, 2015, p. 52.

¹⁹¹ *Ibidem*.

¹⁹² *Ibidem*, p. 76-77.

¹⁹³ CARVALHO, p. 128 apud. REICHOW, *op. cit.*, p. 106.

¹⁹⁴ DOOYEWEERD, 2015, p. 52.

comunhão com Deus, e se tornam engajados “no conflito diário de fazer todas as suas atividades uma expressão de seu amor por Deus e pelo próximo”¹⁹⁵. Mesmo então, entretanto, o pecado continua presente no coração do regenerado, até que finalmente será de todo destruído na consumação final¹⁹⁶.

Ainda assim, remontando à tradição reformada, e em especial a Kuyper, Dooyeweerd defende a presença de uma outra graça, a qual é distribuída a todo o gênero humano indistintamente, a qual é denominada graça comum. Nas palavras de Dooyeweerd:

Pela Palavra criadora, por meio da qual todas as coisas foram feitas e que se fez carne como Redentor, Deus também sustenta o mundo caído pela "graça comum", ou seja, a graça dada à comunidade da humanidade como um todo, sem distinção entre pessoas regeneradas e apóstatas. Porque também o homem redimido, em sua natureza pecaminosa, continua a ser parte da humanidade caída. Por meio da graça comum, a difusão do pecado é restringida e a demonização universal da humanidade caída é refreada, de modo que centelhas da luz do poder, da bondade, da verdade, da justiça e da beleza de Deus ainda brilham mesmo em culturas conduzidas pela apostasia¹⁹⁷.

Esta graça é a manifestação responsável por habilitar que haja *momentos de verdade* mesmo no pensamento dominado pelo espírito da rebeldia contra Deus¹⁹⁸. Todavia, é necessário notar que, para o autor, ela não nega nem enfraquece a antítese cristã. Pelo contrário, a graça comum está fundamentada na antítese, através da ação redentora de Jesus Cristo. Por isso, Dooyeweerd expande:

na batalha de Cristo contra o reino das trevas, o reinado de Cristo sobre tudo o que é afetado pela graça comum é integral e completo. Por essa razão, é na graça comum que a antítese espiritual assume o caráter de abrangência de toda a vida temporal. Deus permite que o sol se levante sobre justos e injustos, concede dons e talentos a crentes e incrédulos por igual; tudo isso não é graça para o indivíduo apóstata, mas para toda a humanidade em Cristo. É *gratia communis*, graça comum arraigada no Redentor do mundo¹⁹⁹.

¹⁹⁵ KALSBECK, *op. cit.*, p. 58.

¹⁹⁶ *Ibidem*.

¹⁹⁷ DOOYEWEERD, 2015, p. 52-53.

¹⁹⁸ Para compreender a relação entre a antítese e a graça comum no pensamento de Dooyeweerd, em comparação com o pensamento de outros filósofos e teólogos holandeses, cf. KLAPWIJK, Jacob. *Antithesis and Common Grace*. In: KLAPWIJK, Jacob; GRIFFIOEN, Sander; GROENEWOUD, G (ed.). **Bringing Into Captivity Every Thought**. Lanham: University Press Of America, 1991. Cap. 8. p. 169-190. Disponível em: https://www.allofliferedeemed.co.uk/Klapwijk/@Antithesis_&_Common_Grace.pdf. Acesso em: 07 nov. 2022.

¹⁹⁹ DOOYEWEERD, 2015, p. 54.

Todavia, antes mesmo do cristianismo exercer o seu poder formativo sobre o Ocidente a partir do primeiro século, o motivo religioso apóstata da matéria-forma já era a força motriz por detrás da filosofia e cultura grega. Este motivo se originou no confronto entre o motivo básico das antigas religiões da natureza (matéria), e o motivo básico, mais novo, da religião cultural dos deuses olímpicos (forma)²⁰⁰.

O motivo básico das religiões da natureza, segundo Dooyeweerd, seria proveniente da “deificação de um fluxo de vida cíclico e informe”, o caos. Dooyeweerd descreve vários dos efeitos desta absolutização para a cultura grega. Dentre eles, Reichow resume:

a própria ideia grega de tempo constituía uma concepção de tempo cíclico que se repetia como os próprios ciclos da natureza. Esse fluxo vital não poderia ser reconhecido e estudado de forma racional, visto que era identificado como *Anangke*. Sendo assim, para Dooyeweerd, os deuses não eram identificados como personalidades, mas “[...] os deuses da natureza eram sempre fluidos e invisíveis”. Outra expressão para esse fluxo vital era a *Moirá*, cujo sentido era um destino inexorável²⁰¹.

Rivalizando com ele, estava o motivo da forma, o qual, por sua vez, deificava a forma, a medida e a harmonia. Segundo o autor, este culto se tornou proeminente a partir do estabelecimento das cidades-estado gregas, e estabeleceu o Monte Olimpo como um dos seus primeiros centros religiosos nacionais²⁰². Este motivo-base seria devedor a Homero e a Hesíodo, os quais além de poetas, eram teólogos gregos, visto que “procuravam convencer o povo de que os próprios olímpicos evoluíram a partir dos deuses rudimentares da natureza”²⁰³. Como consequência, desabrochou na cultura grega o princípio de que “tudo o que vem a ser é *caótico e informe*”²⁰⁴.

Na religião da forma, a *Moirá* adquire novo sentido, se tornando um princípio da ordem. Entretanto, a sua ordem “não vinha dos deuses olímpicos, mas de um poder divino mais antigo, impessoal e sem forma”²⁰⁵. Para o autor, a *Moirá* seria um claro exemplo da tensão dialética dentro do motivo grego:

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 29.

²⁰¹ REICHOW, *op. cit.*, p. 102.

²⁰² DOYEWEERD, 2015, p. 31.

²⁰³ *Ibidem*.

²⁰⁴ *Ibidem*.

²⁰⁵ *Ibidem*.

A religião da cultura é inexplicável sem o pano de fundo das religiões da natureza. Por necessidade intrínseca, o motivo básico da religião cultural evoca sua contraparte. *Moirá* era a expressão do conflito irreconciliável entre as duas religiões. Na consciência religiosa dos gregos, esse conflito era um enigma sem solução no centro tanto da tragédia como da filosofia. Do mesmo modo, as religiões da natureza continuaram a ser a antípoda ameaçadora do ideal cultural e político grego²⁰⁶

Para Dooyeweerd, essa tensão dominava tanto a tragédia, como a filosofia grega, em toda a sua diversidade, dando origem a concepções tais como a antítese entre o corpo e a alma, a *theoria* (pensamento filosófico) e a *doxa* (opinião incerta), o cidadão livre da *polis* e o selvagem bárbaro. Apesar da origem do dualismo matéria-forma ser proveniente da antiguidade grega, para o autor, não seria difícil perceber a continuidade da sua operação tanto no catolicismo romano, quanto no humanismo até hoje²⁰⁷. Entretanto, em cada um dos seus aspectos, o motivo-básico grego estabelece uma antítese radical com o cristianismo. Em oposição ao motivo da criação, por exemplo, estava o dualismo grego de origem:

Os primeiros filósofos da natureza deram prioridade religiosa ao motivo da matéria (o motivo do fluxo de vida contínuo e sem forma). Platão e Aristóteles, no entanto, transferiram a prioridade religiosa para o motivo da forma. Para eles, a matéria estava *desdivinizada*, não mais vista como divina. Não obstante, o deus da forma racional não era a origem da matéria. O deus da forma não era a origem integral e única do cosmo. Nisso reside o caráter apóstata da ideia grega de deus.

A ideia grega de deus era o produto de uma absolutização do relativo. Ela surgiu de uma deificação ou do aspecto cultural da criação ou do fluxo de vida. Assim, estava em *antítese absoluta* à revelação de Deus na Bíblia, em oposição a Deus como o criador do céu e da terra. Consequentemente, uma síntese entre o motivo da criação da religião cristã e o motivo da forma-matéria da religião grega não é possível²⁰⁸.

Similarmente em antítese com o motivo cristão, estariam as concepções de “alma racional” e “corpo mortal”, de “*polis*” e “*barbárie*”, entre outros. Contudo, Dooyeweerd nota, “quando o motivo básico cristão entrou no mundo do pensamento grego helenístico, sua unidade indivisível foi ameaçada por todos os lados”²⁰⁹. Para o autor, a principal ameaça foi oferecida pelo motivo dualista grego, o qual foi capaz de

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 32.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 29.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 44.

²⁰⁹ DOOYEWEERD, 2015, p. 130.

realizar uma síntese com o motivo cristão, dando origem ao motivo escolástico da *natureza-graça*. Para o autor, uma das primeiras expressões desse motivo estava presente no movimento *gnóstico*, o qual buscou realizar uma separação radical entre o Deus Criador do Antigo Testamento e o Deus Redentor do Novo Testamento. A síntese dominou o pensamento escolástico, e a sua principal expressão se deu na síntese que Tomás de Aquino efetuou entre Aristóteles e a fé cristã. Nesse sentido, Dooyeweerd lança luz:

Os escolásticos argumentavam que tudo o que estava sujeito ao nascimento e à morte, incluindo os seres humanos, era constituído de matéria e forma. [...] Como um ser *natural*, por exemplo, o homem consiste de uma “alma racional” e de um “corpo material”. [...] Além do mais, o escolasticismo sustentava que, quando Deus criou a humanidade, dotou-a do dom “sobrenatural” da graça, uma faculdade sobre-humana de pensamento e vontade, por meio da qual a pessoa poderia permanecer numa relação correta com Deus. A humanidade perdeu esse dom na queda, e, conseqüentemente, reduziu-se a uma simples “natureza humana”, com as fraquezas inerentes a ela. No entanto, essa “natureza” humana, que é orientada pela luz da razão, não fora corrompida pelo pecado, e portanto, não precisou ser restaurada por Cristo²¹⁰.

A divisão entre o *natural* e o *sobrenatural* gerou o dualismo entre a razão e a fé, entre o secular e o sagrado, que tocou profundamente a sociedade medieval. O polo da natureza constituía, nas palavras de Kalsbeek, o “andar inferior”. Neste andar estaria as esferas da vida dominada pela razão natural, as quais podiam funcionar de maneira completamente à parte da graça, tais como “o Estado, a família, a academia secular, a tecnologia, a arte, os negócios, e o comércio²¹¹”. Por outro lado, o polo da graça sobrenatural constituiria o “andar superior”, no qual estaria localizado a instituição eclesiástica. Este andar complementaria e ultrapassaria o andar inferior da natureza. Dali a igreja seria capaz de reivindicar a direção da cultura, a fim de enriquecê-la e aperfeiçoá-la²¹².

Não obstante, de modo similar ao motivo grego, o motivo católico romano está, em todos os aspectos, em conflito com o motivo cristão. Dooyeweerd argumenta:

²¹⁰ DOOYEWEERD, 2015, p. 136.

²¹¹ KALSBECK, *op. cit.*, p. 125.

²¹² *Ibidem*.

Claramente, esse novo motivo religioso básico conflita com o motivo da criação, da queda e da redenção em cada ponto. Ele introduz uma cisão interna no motivo da criação ao estabelecer uma distinção entre o natural e o sobrenatural e ao restringir o alcance da queda e da redenção ao sobrenatural. Essa restrição tira do motivo básico bíblico seu caráter integral e radical. Rompido pela reação que "acomodou" o motivo grego da natureza ao motivo da criação, o motivo bíblico já não pode assumir o controle sobre o homem com todo seu poder e caráter absoluto.

Uma consequência dessa tendência dualista foi que o ensino escolástico sobre a relação entre a alma e o corpo não deixava espaço para discernimento do sentido radical da queda, nem no da redenção em Cristo Jesus. Se a alma humana não fosse a unidade radical espiritual de toda a existência temporal de uma pessoa, mas consistisse na "forma racional de um corpo material", então como se poderia falar da corrupção da pessoa na própria raiz de sua natureza? O pecado não surge da função do pensamento, mas sim do coração, da raiz religiosa do nosso ser²¹³.

Contra os esforços do NVB, Dooyeweerd argumenta que uma síntese real entre um motivo apóstata e o motivo cristão não é possível. A impossibilidade reside no fato de que, a fim de que a síntese entre motivos antitéticos seja realizada, é necessário que ambos os motivos se adaptem, perdendo parte do seu significado próprio. Segundo o autor, "essa adaptação mútua exige que ambas abram mão de parte do sentido original e puro dos seus motivos básicos. Mas a antítese entre elas permanece ativa e continua a separar os motivos dessa síntese aparente"²¹⁴. O resultado desta *pseudossíntese* seria um polo continuamente buscando ter supremacia sobre o outro, demonstrando a antítese ainda atuante. Foi precisamente isto o que ocorreu no medievo, visto que o poder eclesiástico buscou dominar todas as demais esferas da vida entendidas como naturais.

Em decorrência desta tensão interna ao motivo católico romano, a esfera da natureza foi cada vez mais vista como independente e autônoma, até que perdeu qualquer contato com a esfera da graça²¹⁵. Duas opções estavam colocadas para a civilização ocidental: "ou se podia voltar ao motivo básico da religião cristã ou,

²¹³ DOOYEWEERD, 2015, p. 137.

²¹⁴ DOOYEWEERD, 2015, p. 27.

²¹⁵ Dooyeweerd argumenta que a última peça para o desmoronamento da síntese natureza-graça havia sido colocada pelo escolástico Guilherme de Ockham. Reichow resume: "Ockham teria rompido completamente com a ideia de uma síntese entre fé e filosofia grega. Partindo de uma ideia de um criador que é soberano — *potestas absoluta* —, ele tentou atacar a crença tomista que se assemelhava à deificação grega da razão. Em consequência desse pressuposto, Ockham separou completamente, de acordo com Dooyeweerd, essas duas dimensões: natureza e graça, apregoando, por exemplo, a arbitrariedade da lei divina expressa no decálogo. Tal postulado contrariava a ideia aristotélico-tomista de uma razão natural habilitada para o conhecimento de Deus. A ideia ockhamista teve grande impacto na estrutura eclesiástica católico-romana medieval com a sociedade, com o estado e também com o próprio pensamento filosófico" (REICHOW, 2019, p. 111-112).

alinhado com o novo motivo da natureza, apartado da fé da igreja, estabelecer uma concepção moderna da vida concentrada na religião da personalidade humana²¹⁶". Segundo Dooyeweerd, o primeiro caminho levou à Reforma Protestante, enquanto o segundo, ao humanismo moderno.

O humanismo moderno foi manifestado primariamente através do renascentismo. Este movimento se agarrou ao motivo da natureza, o qual fora proveniente da dialética matéria-forma grega, e buscou expurgar de si todos os traços do polo cristão da graça. Entretanto, não fez de forma a resgatar o motivo grego puro, mas o sintetizou ao novo ideal da personalidade humana livre. Deste modo, a Renascença deu origem ao motivo humanista moderno da *natureza-liberdade*.

Para o autor, o polo absolutizado da liberdade funcionou como a "raiz religiosa mais profunda do movimento renascentista²¹⁷". Ele concedeu ao motivo humanista a sua vitalidade através da proclamação de um "novo homem". "Livre de poderes sobrenaturais e visões tradicionais²¹⁸", o novo homem é lei para si mesmo e controla seu próprio destino. A fim de afirmar a autonomia da personalidade humana, o motivo da liberdade se lançou sobre o controle da natureza, evocando, portanto, a sua contraparte:

Orgulhosamente consciente de sua autonomia e liberdade, a humanidade moderna passou a considerar a "natureza" como uma extensa arena para as explorações de uma personalidade livre, como um campo de infinitas possibilidades em que a soberania da personalidade humana deve ser revelada por um domínio total dos fenômenos da natureza²¹⁹.

À medida que a personalidade humana foi percebida como detentora de total liberdade, a natureza, por sua vez, foi compreendida como integralmente determinada. Assim, o novo ideal de ciência pôde ser afirmado. No entanto, segundo Dooyeweerd, foi nesse momento que uma tensão dialética dentro do motivo natureza-liberdade se manifestou:

Mas foi precisamente quando o novo ideal de ciência foi levado a sério que um problema se apresentou. Tornou-se evidente que, quando a ciência determinava toda a realidade como uma cadeia ininterrupta de causa e

²¹⁶ DOOYEWEERD, 2015, p. 160.

²¹⁷ DOOYEWEERD, 2015, p. 171.

²¹⁸ KALSBECK, *op. cit.*, p. 121.

²¹⁹ DOOYEWEERD, 2015, p. 172.

efeito, não haveria mais espaço em nenhum lugar dessa realidade para a liberdade humana. A vontade, o pensamento e a ação humanos exigiam a mesma explicação mecânica que exigem os movimentos de uma máquina. Isso porque, se o próprio homem pertence à natureza, então ele não pode, por conclusão, ser livre e autônomo. A "natureza" e a "liberdade", o ideal de ciência e o ideal de personalidade, acabaram por se opor uns aos outros como inimigos declarados. Uma conciliação verdadeiramente interna desses motivos antagônicos era impossível, uma vez que ambos eram religiosos e, portanto, absolutos. Embora o motivo da liberdade tivesse evocado o novo motivo de natureza, um motivo excluía o outro. O humanismo não tinha escolha a não ser atribuir prioridade religiosa ou primazia a um ou a outro²²⁰.

Passando por eventos políticos, pela história da filosofia, da teoria política, da economia, e da sociologia ocidental, Dooyeweerd argumentou em favor da identificação do motivo básico natureza-liberdade, manifestando sua tensão dialética. Ora a primazia foi dada ao motivo da liberdade, ora foi dado ao motivo da natureza, entretanto, em todos os lugares encontramos diversas antíteses com o motivo cristão.

Immanuel Kant, dando primazia ao primeiro, seria o responsável por separar ambos os polos através do abismo intransponível dos fenômenos. Para ele, as leis da natureza se limitariam aos fenômenos sensorialmente perceptíveis, enquanto que acima delas “existia um reino 'suprassensorial' da liberdade moral que não era governado por leis mecânicas da natureza, mas por normas ou regras de conduta que pressupunham a autonomia da personalidade humana²²¹”. Hegel, por sua vez, buscou uma nova síntese entre ambos os polos através da história. Como Reichow explica:

A principal ideia desenvolvida na obra *A razão na história universal* é a de que a humanidade caminha em direção à plena consciência de liberdade, seu desenvolvimento máximo, alcançado pelo desenvolvimento da razão, que não é uma razão particular, mas que diz respeito a uma totalidade. Hegel tenta demonstrar, principalmente através da análise histórica, como essa *razão universal* que governa a história tem se manifestado no contexto de diferentes povos²²².

Seria a partir de Hegel, portanto, que o “espírito do historicismo”, o qual reduz todos os aspectos da realidade criada ao aspecto histórico, ganharia a

²²⁰ DOOYEWEERD, 2015, p. 175.

²²¹ DOOYEWEERD, 2015, p. 194.

²²² REICHOW, *op. cit.*, p. 114-115.

proeminência. Para Dooyeweerd, o historicismo radical seria a expressão da crise espiritual vivida pelo Ocidente, na qual o motivo natureza-liberdade dava sinais de sua implosão. Na sua obra, “No crepúsculo do pensamento ocidental”, argumenta:

este estado de desenraizamento [...] é resultado de um processo crescente de erosão dos fundamentos espirituais últimos de uma civilização inteira [...]. Um dos mais alarmantes sintomas do início de uma crise fundamental da cultura ocidental, desde as últimas décadas do século XIX, foi o surgimento de uma visão de mundo e da vida radicalmente historicista. Esta visão não deixa lugar a outra perspectiva senão um niilismo espiritual cujo moto é: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”²²³.

Por fim, sobre a crise espiritual vivida, Dooyeweerd argumenta que o nazismo foi um “regime sangrento e reacionário [...], a progênie espiritual degenerada do historicismo moderno²²⁴”. Portanto, o período de trevas vivido pelos Países Baixos debaixo de sua dominação foi “um grande juízo histórico²²⁵” advindo em decorrência da expansão cultural deste espírito.

O argumento de Dooyeweerd, entretanto, não pôde ser completamente concluído nesta obra. Verburg sugere que diversos motivos contribuíram para isso, incluindo a própria indisponibilidade de Dooyeweerd para continuar se dedicando ao seu trabalho no periódico²²⁶. Seja como for, a partir da exposição de Dooyeweerd, seria razoável que uma nova síntese entre o cristianismo e o humanismo fosse realizada, como os integrantes do NVB propunham? É possível inferir que não. Tal síntese, para o autor, somente criaria um novo motivo apóstata, que estaria em constante tensão dialética com o polo cristão, o que levaria ao seu futuro esfacelamento, tal qual ocorreu com o sintético motivo católico romano medieval.

Pelo contrário, como deixou claro na conclusão de “No crepúsculo do pensamento ocidental”, a solução para a crise espiritual do ocidente e a direção para a reconstrução dos Países Baixos, teria de passar por uma nova opção pelo motivo criação-queda-redenção da Palavra revelada de Deus:

O homem perdeu o verdadeiro autoconhecimento desde que perdeu o verdadeiro conhecimento de Deus. Todos os ídolos do ego humano, que o homem projetou em sua apostasia, se quebram quando confrontados com a Palavra de Deus, que lhes desmascara a vaidade e o vazio. Somente esta

²²³ DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Brasília: Monergismo, 2018. p. 107-108

²²⁴ DOOYEWEERD, 2015, p. 104.

²²⁵ *Ibidem*.

²²⁶ VERBURG, *op. cit.*, p. 339-340.

Palavra, por meio de sua influência radical, pode gerar uma verdadeira reforma de nossa visão do homem e de nossa visão do mundo temporal; e tal reforma interior é o extremo oposto do esquema escolástico [sintético] de acomodação²²⁷.

²²⁷ DOOYEWEERD, 2018, p. 245.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes mesmo de Dooyeweerd sair do semanário em 1948, o Movimento Popular Holandês (NVB) já demonstrava sinais claros de enfraquecimento. Ainda em setembro de 1945, apenas quatro meses após sua formalização, um dos principais expoentes do movimento, Jan de Quay, expressou a necessidade de estabelecer um novo partido católico no pós-guerra, o que foi recebido como uma traição por parte dos demais integrantes do movimento²²⁸. Embora tenha obtido êxito na criação do Partido Trabalhista (*Partij van de Arbeid*), não foi capaz de alcançar o objetivo fundamental para o qual foi concebido: superar a "pilarização"²²⁹. A população logo voltou a se organizar em torno das antigas estruturas pré-guerra, e a antítese cristã permaneceu incólume.

Diversos fatores são apontados como responsáveis pelo insucesso do NVB: sua natureza não massificada, sendo essencialmente um movimento intelectual; a incapacidade de se articular política, financeira e logisticamente; a natureza vaga e elitista de sua proposta de transformação; o caráter excessivamente cristão do movimento; e, talvez, o principal deles, a resiliência dos antigos pilares na sociedade neerlandesa²³⁰. Após as eleições de 1946, o grupo persistiu, porém sem exercer uma influência política concreta, até ser dissolvido em 1951. Por isso, Bosmans conclui:

Como resultado, o NVB nunca passou de um típico clube de intelectuais, que tradicionalmente se moviam livremente no sistema "pilarizado" e mantinham contato uns com os outros através das barreiras divisórias, porém dificilmente possuíam apoiadores fora do contexto de seu próprio pilar²³¹.

Não há registros documentados de qualquer resposta que Dooyeweerd tenha recebido em relação aos seus artigos, o que dificulta a avaliação precisa do impacto direto que suas contribuições tiveram para o insucesso do NVB²³². No entanto, a

²²⁸ DE JONG, *op. cit.*, p. 192.

²²⁹ *Ibidem*, 193-195.

²³⁰ BLOM, *op. cit.*, n.p.; BOSMANS, *op. cit.*, p. 417; DE JONG, *op. cit.*, p. 195-196.

²³¹ BOSMANS, *op. cit.*, p. 417 (tradução livre do autor).

²³² Woldring sugeriu que a reflexão de Dooyeweerd sobre a antítese não teve sucesso, visto que a própria afirmação da antítese daria fim a um diálogo. No entanto, como pudemos observar em seus artigos, o filósofo reformado holandês veementemente se opôs a essa perspectiva. Cf. WOLDRING, Henk. Herman Dooyeweerd: dienst aan de samenleving. In: FLIPSE, Ab (ed.). **Verder kijken: honderdvijfendertig jaar vrije universiteit amsterdam in de samenleving**. Amsterdam: Vu University Press, 2016. p. 107-114. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1871.1/6ca872d3-c40d-4f14-bf68-9d516cec64c6>. Acesso em: 27 fev. 2023.

atuação de Dooyeweerd é notável, pois revela a magnitude da influência dos pilares na sociedade neerlandesa. Especificamente, através dos seus artigos, demonstra a vivacidade da antítese cristã, a qual se manifestou debaixo da expressão renovada do calvinismo, resistindo à secularização mesmo em meio à crise espiritual enfrentada pelo Ocidente durante as duas guerras mundiais.

Herdeiro de influentes pensadores como Abraham Kuyper, Dooyeweerd construiu um extenso sistema filosófico, cujo alicerce residia na crítica à autonomia do pensamento teórico. Ao aplicar sua tese principal à história do Ocidente, identificou a ação de quatro motivos religiosos básicos, os quais atuavam como forças-motrizes para o seu desenvolvimento. Três desses motivos, os motivos-base apóstatas, como Dooyeweerd os denominava, eram frutos da tentativa de sintetizar polos antagônicos e absolutizados da realidade. Como resultado, os motivos-base demonstraram uma dialética religiosa interna, manifestada na contínua rivalidade entre os antagônicos polos, ao reivindicarem simultaneamente o controle da direção espiritual do desenvolvimento do Ocidente. A consequência de tal dialética religiosa não seria uma síntese real entre ambos os polos, mas o inevitável esfacelamento do motivo-base, gerando turbulências culturais e abrindo espaço para que um novo motivo religioso assumisse primazia religiosa no desenvolvimento ocidental.

O quarto motivo, por outro lado, o motivo cristão da criação-queda-redenção, destaca-se como único capaz de estabelecer uma relação apropriada com a realidade, visto não se basear na absolutização do relativo, mas na revelação do Deus Criador e Redentor através de sua Palavra-revelação. A partir desta identificação dos motivos-base na história ocidental, Dooyeweerd procurou saídas para a crise espiritual do Ocidente, enfrentada nas duas guerras. Além disso, sustentou a vitalidade da antítese cristã e da fé cristã em fornecer respostas para o todo da vida, constituindo-se assim em uma autêntica *biocosmovisão*, como Kuyper dizia.

De fato, é pertinente observar, conforme enfatizado por Blom, que "a religião tem sido um fator extremamente relevante na história dos Países Baixos"²³³. Desde a Reforma Protestante, o calvinismo tem desempenhado um papel significativo como uma das forças espirituais subjacentes ao desenvolvimento neerlandês, mantendo sua influência cultural mesmo após a separação entre Igreja e Estado no século XIX. Foi somente na segunda metade do século XX que a secularização foi capaz de

²³³ BLOM, *op. cit.*, n.p., (tradução livre do autor).

minorar a influência da fé cristã na cultura neerlandesa, ainda que, conforme expresso por Blom, “a influência direta das tradições religiosas da região [...] de maneira alguma desapareceu”²³⁴.

Nesse sentido, a crescente adesão à filosofia de Dooyeweerd no Brasil nas primeiras décadas do século XXI é sintomática de uma nova demanda da fé cristã, agora em solo brasileiro, que busca respostas para os desafios contemporâneos. Embora não se possa falar de um "pilar" calvinista no Brasil, é possível observar o desenvolvimento, a partir de suas raízes históricas, de um cristianismo que se posiciona em oposição ao secularismo e busca fornecer orientações não apenas para a fé privada, mas também para as diversas esferas da vida.

²³⁴ *Ibidem*, (tradução livre do autor).

FONTES

BACHG *et al.* **Oproep van de Nederlandse Volksbeweging**. 1945. Disponível em: <https://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:NAGO02:IISG-30051000300381>. Acesso em: 11 mar. 2023.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Brasília: Monergismo, 2018.

_____. **Raízes da cultura ocidental**: as opções pagã, secular e cristã. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

EINTHOVEN, Louis; HOMAN, Johannes Linthorst; QUAY, Jan Eduard de. **Manifest aan het Nederlandse Volk**. 1940. Disponível em: <https://beeldbankwo2.nl/en/imagebank/detail/5c071664-025a-11e7-904b-d89d6717b464/media/9429a748-9378-addf-8fe9-84bc6a5e2190>. Acesso em: 09 fev. 2023.

KAELBER, Lutz. **Geschiedenis van een Nederlands-Duitse familie en de Holocaust**. 2021. Arquivo Pessoal. Disponível em: <https://historiek.net/geschiedenis-van-een-nederlands-duitse-familie-en-de-holocaust/139818/>. Acesso em: 09 fev. 2023.

SCHERMERHORN, Willem. Bij den Kerstboom in "Beekvliet" in 1942. In: SEMINARIUM BEEKVLIET (St. Michielsgestel) (comp.). **Gedenkboek Gijzelaarskamp Beekvliet**. St. Michielsgestel: Koninkl. Ned. Boekdrukkerij H.A.M. Roelants, 1946.

_____. Gijzelaars ontwierpen plan voor een nieuw Nederland. **De Volkskrant**. Amsterdam, p. 25-25. 06 maio 1967. Disponível em: <https://resolver.kb.nl/resolve?urn=ABCDDD:010849109:mpeg21:a0389>. Acesso em: 27 jan. 2023.

SEMINARIUM BEEKVLIET (St. Michielsgestel) (comp.). **Gedenkboek Gijzelaarskamp Beekvliet**. St. Michielsgestel: Koninkl. Ned. Boekdrukkerij H.A.M. Roelants, 1946.

TROUW (Países Baixos). **Pamflet uitgegeven door het illegale blad Trouw**. 1944. Coleção NIOD. Disponível em: <https://beeldbankwo2.nl/en/imagebank/detail/575d6f32-025a-11e7-904b-d89d6717b464/media/913afc0d-03f1-e27b-cd5e-ec523e287879>. Acesso em: 23 fev. 2023.

VAN WIJK, Ed. **Oorlogsschade na bombardement**: Rotterdam (15 mei 1940), 1940. Nederlands Fotomuseum. Disponível em: <https://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:NFA03:evw-650-8>. Acesso em: 09 fev. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **A cidade de Deus**. Volume II (livro IX a XV). Tradução de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ARBLASTER, Paul. **History of the Low Countries**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006. 298 p. (Palgrave Essential Histories).

ANDERE TIJDEN (Países Baixos). **Sint Michielsgestel**. 2002. Escrito por Laura van Hasselt. Disponível em: <https://anderetijden.nl/aflevering/546/Sint-Michielsgestel>. Acesso em: 24 jan. 2023.

BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História Contemporânea**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

BERKELAAR, Wim. 'It's a part of me': the literary ambitions of Pieter Geyl. In: VAN ROSSEM, Stijn; TIEDAU, Ulrich (ed.). **Pieter Geyl and Britain: encounters, controversies, impact**. Londres: University Of London Press, 2022. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv2xszr0v.9>. Acesso em: 28 dez. 2022.

BLOM, Johan Cornelis Hendrik. The Netherlands since 1830. In: BLOM, Johan Cornelis Hendrik; LAMBERTS, Emiel (ed.). **History of the Low Countries**. 2. ed. Nova Iorque: Berghahn Books, 2006.

BLOCKMANS, Willem Pieter. The formation of a political union, 1300-1588. In: BLOM, Johan Cornelis Hendrik; LAMBERTS, Emiel (ed.). **History of the Low Countries**. 2. ed. Nova Iorque: Berghahn Books, 2006.

BOSMANS, Jacques Louis Joseph. J. Bank, Opkomst en ondergang van de Nederlandse Volksbeweging (NVB). **Bmgn - Low Countries Historical Review**, [S.L.], v. 95, n. 2, p. 415-418, 1 jan. 1980. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18352/bmgn-lchr.2176>. Acesso em: 04 jan. 2023.

CALVINO, João. **A instituição da religião cristã**. Tradução de Institutio Christianae Religionis. Vol. 1. São Paulo: Unesp, 2008. 507 p.

DE JONG, Louis. **Het koninkrijk der nederlanden in de Tweede Wereldoorlog**. Vol. 12. 'S-Gravenhage: Sdu, 1988. 648 p. Disponível em: http://loe.niod.knaw.nl/grijswaarden/De-Jong_Koninkrijk_deel-12_eerste-helft_zw.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.

DE VRIES, John Hendrik. Nota biográfica. In: KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

DORSMAN, Leen. Pieter Geyl and the idea of federalism. In: VAN ROSSEM, Stijn; TIEDAU, Ulrich (ed.). **Pieter Geyl and Britain: encounters, controversies, impact**. Londres: University Of London Press, 2022. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv2xszr0v.10>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GEYL, Pieter. **History of the Low Countries: episodes and problems**. Londres: Macmillan & Co, 1964.

HENDERSON, Roger. Kuyper's Inch. **Pro Rege**, Sioux Center, v. 36, n. 3, p. 12-14, mar. 2008. Disponível em: https://digitalcollections.dordt.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1380&context=pro_reg. Acesso em: 06 set. 2022.

HIRSCHFELD, Gerhard. Collaboration and Attentism in the Netherlands 1940-41. **Journal Of Contemporary History**, Londres, v. 16, n. 3, p. 467-486, 3 jul. 1971. Trimestral. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/260315>. Acesso em: 29 dez. 2022.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914 - 1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KALSBECK, L. **Contornos da Filosofia Cristã**. Tradução de Rodolfo Amorim de Souza. São Paulo: Cultura Cristã, 2015..

KLAPWIJK, Jacob. Antithesis and Common Grace. In: Klapwijk, Jacob; Griffioen, Sander; Groenewoud, G (ed.). **Bringing Into Captivity Every Thought**. Lanham: University Press Of America, 1991. Cap. 8. p. 169-190. Disponível em: https://www.alloflifereedeemed.co.uk/Klapwijk/@Antithesis_&_Common_Grace.pdf. Acesso em: 07 nov. 2022.

KOSELLECK, Reinhart. **Aceleración, prognosis y secularización**. Valência: Pre-Textos, 2003.

_____. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

LAILER, Harry W. **History of socialism: a comparative survey of socialism, communism, trade unionism, cooperation, utopianism, and other systems of reform and reconstruction**. Abingdon: Routledge, 2007.

LANGEMEIJER, Gerard Eduard. Uma avaliação de Herman Dooyeweerd. In: KALSBECK, L. **Contornos da filosofia cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

LIJPHART, Arend. **The Politics of Accommodation: pluralism and democracy in the netherlands**. 2. ed. Berkeley: University Of California Press, 1975.

LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LUYTEN, Dirk. Social Security and the End of the Second World War in France, the Netherlands and Belgium: social peace, organizational power and the state. In: Hoffmann, Stefan-Ludwig; Kott, Sandrine; Romijn, Peter; Wieviorka, Olivier (ed.). **Seeking Peace in the Wake of War: Europe, 1943-1947**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2015. (NIOD Studies on War, Holocaust, and

Genocide). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt18z4gn8.14>. Acesso em: 30 dez. 2022.

MOLENDIJK, Arie L. Willem Banning and the Reform of Socialism in the Netherlands. **Contemporary European History**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 139-154, 22 jan. 2020. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s096077732000003x>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/contemporary-european-history/article/willem-banning-and-the-reform-of-socialism-in-the-netherlands/C9F33AF25E5AD4E3627924256C6F6BE9>. Acesso em: 28 dez. 2022.

MCKALE, Donald M. **Hitler's shadow war: the holocaust and World War II**. Nova Iorque: Cooper Square Press, 2002. Disponível em: <https://archive.org/details/hitlersshadowwar0000mcka/mode/1up>. Acesso em: 02 jan. 2023.

OTTERSPEER, Willem. **Reading Huizinga**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2010.

PEEREBOOM, Robert. **Gijzelaar in Gestel**. Zwolle: Erven J.J. Tijn, 1945.

REICHOW, Josué Klumb. **Reformai a vossa mente: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd**. Brasília: Monergismo, 2019.

ROMIJN, Peter. 'Liberators and Patriots': military interim rule and the politics of transition in the Netherlands, 1944-1945. In: HOFFMANN, Stefan-Ludwig; KOTT, Sandrine; ROMIJN, Peter; WIEVIORKA, Olivier. **Seeking Peace in the Wake of War: Europe, 1943-1947**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2015. (NIOD Studies on War, Holocaust, and Genocide). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt18z4gn8.1>. Acesso em: 30 dez. 2022.

RUSHDOONY, Rousas John. Introdução à primeira edição. In: DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensão autonomia do pensamento filosófico**. Brasília: Monergismo, 2018.

SLOT, J. A. H. I. S. Bruins. The Resistance. **The Annals Of The American Academy Of Political And Social Science**. Filadélfia, p. 144-148. maio 1946. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1024814>. Acesso em: 29 dez. 2022.

SPIER, Johannes Marinus. **O que é a filosofia calvinista?** Brasília: Monergismo, 2019.

SPIT, Jan. Straatnamen die een link hebben met het voormalige seminarie/gijzelaarskamp Beekvliet. **Den Heertgang**, Sint-Michielsgestel, v. 21, n. 12, p. 31-42, out. 2015. Disponível em: https://www.deheerlijkheidherlaar.nl/images/uploads/documenten/2015%2CJr.21%2CNr.2_oktober_Beekvliet_200.pdf. Acesso em: 23 jan. 2023.

STICHTING GIJZELAARSKAMPEN SINT-MICHIELSGESTEL (Sint Michielsgestel). **Aflevering 13: Het Gezicht van Gestel**, [2020]. Disponível em:

<https://www.gijzelaarskampbeekvliet.nl/digitale-expositie/afl-14-het-gezicht-van-gestel/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

_____. **Aflevering 14: De Geest van Gestel**, [2020]. Disponível em: <https://www.gijzelaarskampbeekvliet.nl/digitale-expositie/aflevering-14-de-geest-van-gestel/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

VERBURG, Marcel. **Herman Dooyeweerd**: the life and work of a christian philosopher. Lincoln: Paideia Press, 2015.

VERZANDVOORT, Erwin. Tybaert de kater en de Nobelprijs! Gijzelaars te Sint-Michielsgestel [Tybaert, a Ressaca e o Prêmio Nobel!: reféns em Sint-Michielsgestel]. **Tiecelijn**: Jaarboek 11 van het Reynaertgenootschap, Sint-Niklaas, v. 31, n. 11, p. 82-88, nov. 2018. Anual. Disponível em: <https://www.reynaertgenootschap.be/tiecelijn/jaarboek-11-tiecelijn/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

WOLTERS, Albert Marten. O meio intelectual de Herman Dooyeweerd. In: SPIER, Johannes Marinus. **O que é filosofia calvinista**. Brasília: Monergismo, 2019.

ZUMTHOR, Paul. **A Holanda no tempo de Rembrandt**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.